A watercolor illustration of a hand holding a plant. The hand is rendered in various colors like purple, green, and red. The plant has a large red flower and several green leaves. Above the hand, there are several birds in flight, also in watercolor style. The background is a mix of yellow, orange, and green with scattered red and orange dots.

organizadoras


Larisa da Veiga Vieira Bandeira

Luciane Bresciani Lopes

# Adriana da Silva Thoma

cartas e escritas  
de amizade  
e docência

 peripécia

A watercolor illustration of a hand holding a plant. The hand is rendered in various colors like blue, green, and red. The plant has a single orange flower and several green leaves. In the background, there are faint outlines of birds flying. The overall style is soft and artistic.

organizadoras

Larisa da Veiga Vieira Bandeira

Luciane Bresciani Lopes

# Adriana da Silva Thoma

cartas e escritas  
de amizade  
e docência

 peripécia

2 0 2 2  
São Paulo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A243

Adriana da Silva Thoma: cartas e escritas de amizade e docência  
/ Organizadoras Larisa da Veiga Vieira Bandeira, Luciane  
Bresciani Lopes. – São Paulo: Peripécia, 2022.

Livro em PDF

ISBN 978-65-88192-17-7

1. Memória - Educação. 2. Língua brasileira de sinais. 3. Amor.  
4. Amizade. I. Bandeira, Larisa da Veiga Vieira (Organizadora).  
II. Lopes, Luciane Bresciani (Organizadora). III. Título.

CDD:  
370.1522

Índice para catálogo sistemático:

I. Memória - Educação

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

ISBN da versão impressa (brochura): 978-65-88192-16-0

Copyright do texto © 2022 as autoras

Copyright da edição © 2022 Peripécia

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

---

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Marketing digital	Lucas Andrius de Oliveira
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Peter Valmorbida Potira Manoela de Moraes
Imagens da capa	Ana Coronas Mons.design Freepik
Tipografias	Mala
Revisão	Landressa Rita Schiefelbein
Organizadoras	Larisa da Veiga Vieira Bandeira Luciane Bresciani Lopes

---

PIMENTA CULTURAL  
São Paulo · SP  
Telefone: +55 (11) 96766 2200  
livro@pimentacultural.com  
www.pimentacultural.com

  
**peripécia**  
2 0 2 2

# Sumário

<b>Era para ser amizade, mas é amor.....</b>	<b>9</b>
<i>LUciane Bresciani Lopes</i>	
<i>LArisa Bandeira</i>	

<b>Mãe.....</b>	<b>16</b>
<i>Marina Thoma Rockembach</i>	

Parte 1

## **Adriana Thoma, presente**

Capítulo 1	
<b>Adriana.....</b>	<b>22</b>
<i>Luciana Gruppelli Loponte</i>	

Capítulo 2

**Adriana, minha amiga,  
você é *patchwork*...**

**um poema em retalhos coloridos! ..... 27**

*Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado*

Capítulo 3

**Quando penso em Adriana ..... 32**

*Juliana de Oliveira Pokorski*

*Luciano Bedin da Costa*

Capítulo 4

**Elogio de Adriana ..... 36**

*Carlos Skliar*

Capítulo 5

**Era uma vez uma menina**

**e dois meninos ..... 42**

*Solange Rocha*

Capítulo 6

**Adriana Thoma... ..... 47**

*Camila Guedes Guerra*

Capítulo 7

**Adriana Thoma:**

**amiga, educadora especial,  
pesquisadora e referência**

**na educação de surdos brasileira ..... 49**

*Daniele Noal Gai*

Capítulo 8

**Na casa da Adri..... 55**

*Liège Gemelli Kuchenbecker*

## **Tempo e memórias**

Capítulo 9

**Sobre a roda, o tempo,  
a educação e a responsabilidade.....62**

*Cláudia Tapia Sikilero*

Capítulo 10

**Para lembrar.....67**

*Emiliana Faria Rosa*

Capítulo 11

**Túnel de tempo:  
as mãos e o grito.....70**

*Cláudio Mourão*

Capítulo 12

**Boas lembranças  
de Adriana Thoma.....75**

*Ana Luiza Caldas*

Capítulo 13

**Carta para Adri:  
lembranças de nós duas.....78**

*Ingrid Ertel Stürmer*

Capítulo 14

**Adriana, sorriso e presença sempre!.....82**

*Carolina Hessel Silveira*

## **Ética e afeto**

Capítulo 15

**A ética da amizade  
de uma orientadora..... 87**

*Graciele Marjana Kraemer*

Capítulo 16

**Orientador,  
coorientadora e orientanda:  
a tríade de uma história de vida para a vida ..... 91**

*Cláudio José de Oliveira*

*Paula Xavier Scremin*

Capítulo 17

**“Mãe acadêmica!” ..... 97**

*Bianca Ribeiro Pontin*

Capítulo 18

**Sobre uma ética amorosa  
e um necessário agradecimento .....103**

*Betina Hillesheim*

Capítulo 19

**Um pouco mais,  
cinco minutos pelo menos.  
Carta de um reencontro.....107**

*Liliane Ferrari Giordani*



## **Despedida, ausência e saudade**

Capítulo 20

**À Adriana.....114**

*Bruna Fagundes Antunes Alberton*

Capítulo 21

**Nas plataformas da vida,  
encontros e despedidas  
da amiga Adriana.....120**

*Madalena Klein*

Capítulo 22

**A ausência é presença  
que ninguém me tira..... 125**

*Maura Corcini Lopes*

Capítulo 23

**Saudades que permanecem:  
Adriana da Silva Thoma!..... 133**

*Lodenir Becker Karnopp*

Capítulo 24

**Uma carta para Adriana:  
linhas de afetos e saudades..... 138**

*Márcia Lise Lunardi-Lazzarin*

Capítulo 25

**Sorriso, incentivo e acolhida:  
sobre a amizade que nos T(h)oma ..... 144**

*Luciane Bresciani Lopes*

**Autores e Autoras .....146**

# Era para ser amizade, mas é amor..

*LUciane Bresciani Lopes*

*LArisa Bandeira*

Aceitar a morte com amor significa que abraçamos a realidade do inesperado, de experiências que não podemos controlar. Nós não precisamos ter ansiedade infinita e nos preocuparmos se vamos realizar nossos objetivos ou planos. A morte está sempre ali para nos lembrar que nossos planos são transitórios. Ao aprender a amar, aprendemos a aceitar a mudança. Sem mudança, não podemos crescer. Nosso desejo de crescer no espírito e na verdade é como nos posicionamos diante da vida e da morte, prontos para escolher a vida (hooks, 2021, p. 62<sup>1</sup>).

Em novembro de 2015, na sala 605 da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS) iniciamos o planejamento de uma viagem de pesquisa. Nós duas contávamos os centavos da bolsa de doutorado e como técnica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para que pudéssemos ficar uma semana comendo, nos deslocando e dormindo em uma

1 hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

cidade como São Paulo, com tantas distâncias e, para nós, com tantos apelos. Adriana chamava a nossa atenção para todos os riscos possíveis da empreitada, as diferenças linguísticas e culturais que enfrentaríamos ao propor encontros de escritas com pessoas refugiadas da Síria, Paquistão, Palestina, e República Democrática do Congo, e que atuavam como professores em um curso de línguas estrangeiras. Por fim optamos por um hostel, com quarto coletivo, próximo do prédio do curso no Bairro de Pinheiros.

Uma semana antes de nossa chegada a São Paulo, em janeiro de 2016, no encontro da Avenida Paulista com a Consolação, houve um conflito entre o comando da Polícia Militar e as lideranças do Movimento Passe Livre (MPL) que faziam um ato contra o aumento das tarifas de ônibus. Na ocasião foram utilizadas bombas de gás de efeito moral, explosivos, spray de pimenta e blindados israelense para impedir que o MPL descesse até o Largo do Batata. Quando chegamos a São Paulo, os dias estavam mais frios e nublados do que se esperava de um verão e a circulação de helicópteros, no espaço aéreo, e de polícia, na cidade, era mais intensa. A cidade estava atravessando uma seca há alguns meses, os reservatórios de água no Sistema Cantareira estavam se esgotando. Janeiro prenunciava um ano difícil para os que aqui estavam e para os que aqui chegavam, e São Paulo exibia com mais ênfase a convulsão que já estava em curso no país.

Entre novembro de 2015 e janeiro de 2016, o curso passou a funcionar em um prédio cedido pela prefeitura no centro da cidade. O nosso planejamento, os nossos deslocamentos, nossas expectativas também migraram. Os riscos apontados por Adriana pareciam mais perceptíveis, estávamos todas mais sensíveis também pelo que estava se anunciando nas ruas. Entre uma e outra passagem de gigantes patos amarelos de borracha, enquanto nos abrigávamos da chuva no Vão do Museu de Arte de São Paulo, na Avenida Paulista, a sensação era a de que éramos também estrangeiras. Começávamos

a ter certeza de que aquele, era agora outro país, ainda mais injusto e desigual. O quarto coletivo do hostel era o nosso menor problema.

As oficinas de escrita, que faziam parte da pesquisa, ocorriam em salas da SP Escola de Teatro cedidas pela prefeitura para o curso de línguas. As salas eram espaços de tensão, de tradução, de suar frio, olhares apavorados, olhares de apoio e aprovação, espaço de escrita, de compartilhamento, mas também, para os sujeitos da pesquisa, era espaço de tentar manter anonimato, de se expor o suficiente para não se tornar ainda mais vulnerável. Abraço coletivo e amoroso no encontro da realidade do inesperado e desconhecido. Sussurros, por vezes tentativas, da querida Adriana que tinha milhões de *insights* na escuta atenta que desempenhávamos nos dias que passamos por lá. Das cenas, das histórias, a que mobiliza a escrita hoje, é a frase mais bonita que ouvimos em um dos sussurros, possíveis, na grande sala de reuniões:

“Precisamos escrever sobre a amizade”

Talvez fosse uma das últimas oficinas de escrita planejadas para a semana, talvez não. Talvez tenha sido o último professor a escrever e nos contar sobre a sua história, talvez não. A lembrança nos traz a cena assim: na sala de reuniões, em uma oficina oferecida entre as aulas ministradas pelos professores refugiados e as aulas que eles frequentavam como alunos de língua portuguesa, recebemos M. um professor palestino, que convidado a escrever, escreveu. Que convidado ao diálogo, dialogou. Nos contou sobre sua chegada ao Brasil, sobre a precariedade do acolhimento aos refugiados, que considerava que “não era devido à falta de uma política específica para os refugiados, mas sim decorrente da crise que o país atravessa e que não é uma crise local, mas que se trata de uma crise de dimensão mundial que tem poucas chances de ser revertida e da qual eles são parte, e vistos como o pior resultado” (M, 2016). M. contou que residia em espaço no qual a sua

permanência estava condicionada aos serviços de manutenção de toda a estrutura do local, ou seja, situação análoga à escravidão.

Quando M. decide buscar um emprego para melhorar a sua condição de permanência no país, ele ouve do responsável do local: “se vai trabalhar fora, não pode mais ficar aqui”, e isso ocorrera um pouco antes dele estar naquela sala conosco, M. estava angustiado e surpreso e precisaria dormir na rua a partir daquela noite. Nos olhamos dentro daquela sala. A dor, revolta e impotência eram alguns dos sentimentos que podiam ser capturados em cada olhar, no ritmo da respiração. M. nos olha e continua a contar: “ele disse que era meu amigo, ele me chamou de amigo. No meu país não fazemos isso com um amigo. Um amigo sempre terá o que temos. Aqui as pessoas usam as palavras de qualquer jeito. A palavra amizade é muito forte e não pode ser dita se você não é amigo mesmo”. A memória nos faz lembrar como se fosse a última vez que conversamos presencialmente com ele. Talvez porque era uma situação que nos colocou no limite entre a escuta da pesquisa e a impossibilidade de fazer alguma coisa. A transitoriedade dos diferentes aspectos da vida de M. nos fazia perceber a nossa própria transitoriedade, e o quanto eram inseguras e frágeis nossas certezas.

\*\*\*

São Paulo está em nossa cartografia afetiva como o lugar e experiência que se fundem no que chamamos de amizade. Das histórias vividas, poderíamos contar da escova de cabelo e o secador da Adriana, que faziam um barulhão, nas primeiras horas da manhã no meio do hostel que estava lotado de turistas de todos os cantos do mundo, que vinham para as noites da Vila Madalena e para os ensaios das escolas de samba naquele período pré-carnavalesco. Das gargalhadas das histórias das/os nossas/os companheiras/os de quarto coletivo misto, que o dinheiro das orientadas podia pagar

e que a Adri topou de olhos fechados. A capacidade em acreditar e se jogar faziam da Adriana um ser diferente. Talvez ela só quisesse ter certeza de que a loucura de produzir dados de uma tese envolvendo muitos sujeitos e muitas línguas daria certo, cá entre nós, podia dar tudo muito errado. Mas a presença, o presente da sua presença! Sempre foi algo intenso! Visceral!

São Paulo sempre será a nossa cidade, a cidade do nosso encontro de amizade, não com aquela que expulsa, nem com aquela que bajula. A amizade que acolhe e sacode, que sorri, chora, admira, aprende junto. Que vive, que pulsa. Que enche os olhos de lágrimas quando encontra o fim da página. Que se nega dizer adeus! São Paulo deixou de estar no mapa desse país no qual estamos estrangeiras, e passou a se inscrever em “um mapa para nos guiar em nossa jornada até o amor – partindo de um lugar em que sabemos a que nos referimos quando falamos de amor” (hooks, 2021, p.33).

O convite para escrever sobre a amizade não encontrou fôlego em 2016, 2017 e 2018, estávamos as três envolvidas até o pescoço com o trabalho, com outras escritas, dando conta da produtividade da vida acadêmica, tentando dar conta da vida, e também da amizade. Sabíamos que para essa escrita precisaríamos de tempo, e ele estava passando muito rápido, e ninguém mais conseguia sair ileso do aprofundamento da crise política, social, econômica e ética no Brasil.

Não conseguimos escrever sobre a Amizade com ela.

Ela que nos últimos dias, assim como fez durante toda a vida, se valeu dos livros e dos escritos para contar sobre a doença e a morte que chegava rapidamente, e que iniciou a escrita de uma carta-aberta aos amigos e comunidade acadêmica evocando a obra de Foucault, *A coragem da verdade*. Escrever a carta para nos preparar e confortar foi também uma forma amorosa de saber como morrer. A coragem de dizer-a-verdade, dizer tudo, dizer o que precisa ser

dito ainda que repleta de medo e dor, significa arriscar-se. Falar sobre a doença, a dor e a morte que se avizinhava, desorganizava, apavorava. Mas representava uma insistente noção de cuidado de si e cuidado do outro. A denúncia sobre o descuido da própria saúde era uma confissão. Um modo de veridicção. Assumir uma postura *parresíastica* trata de assumir um modo de ser.

Quando pensamos nesse livro, pensamos que o texto que escreveríamos seria sobre a Amizade, pensávamos que havia chegado a hora. Cada pessoa convidada faz parte de diferentes momentos da vida da Adriana e compartilharam com ela um espaço acadêmico, uma cidade, viagens, saídas e muitas histórias. Histórias comprovadas pelas plataformas Lattes, Sucupira, Carlos Chagas, e histórias que não cabem lá. Muitas histórias contadas aqui são de colegas, amigas, mulheres, histórias produzidas em um tecido afetivo de fibras fortes e flexíveis. Ao ler os textos que compõem esse livro entendemos que a escrita de amizade se tornou possível no coletivo, e não foi uma escrita fácil. O livro é sobre Adriana, é sobre amizade, é sobre outros modos de fazer a academia que não são os que agora vigoram, e especialmente, sobre o Amar, esse que permite que transformemos nossa celebração da morte em uma celebração da vida (hooks, 2021).

Mas é muito, e também, sobre o que sobrou do que éramos, e de nossa docência e exaustão nesse tempo ruim. Alguém poderá dizer que esse é um livro acadêmico!?! Não sabemos, mas jovens professores que lerem vão saber que um mundo melhor é possível, que tivemos a oportunidade de viver e aprender com a Adriana outros modos de viver a Universidade e os bons encontros. Que a escrita para a Adriana possa nos levar além. Que possa estabelecer elos e criar fendas e respiros. Que a escrita que fizemos para ela, seja encontro com ela e com nós mesmos. Amar faz isso. O amor nos empodera para viver plenamente e morrer bem. Então, a morte se torna não o fim da vida, mas uma parte dela (hooks, 2019).

Para encerrar esse texto escrito em dupla (carinhosamente batizada por Lodenir Karnopp como LU-LA) que é com, e para a Adri, é preciso agradecer às amigas, aos amigos, e aos amores que aceitaram o convite de através da escrita, continuar junto. Agradecer aos que vão conhecer um pouco mais sobre uma professora, orientadora, amiga, colega, parceira, mãe, através da leitura das histórias aqui compartilhadas, histórias que constituíram outras docências, outras orientações e outros modos de produzir saberes.

Sorte a nossa de contar com a amizade da Adriana,  
Sorte a nossa de contar com a amizade de vocês,  
e “sorte que essa amizade é um amor” (LONDON, 2014, p. 48<sup>2</sup>).

2 LONDON, Mathieu. **O que amar quer dizer**. Trad. Marília Garcia. São Paulo: Cosac Naify, 2014.



# Mãe

*Marina Thoma Rockembach*

Entro no ônibus, saindo da faculdade, em direção ao meu próximo compromisso. Acabei de fazer uma prova, mas já penso na outra que se aproxima. Estou ansiosa para ligar para casa, saber como pai e mano estão. Cogitando nesse final de semana dar um passeio, apesar de já ter tido outras mil ideias de como ocupar esses dias. Preocupada com as contas do mês, e um pouco angustiada pensando se ninguém está precisando de nada. Também estou refletindo sobre a letra da última música que ouvi, sobre os astros, sobre o caos político e social que a gente enfrenta e sobre eu mesma enquanto indivíduo, mulher, filha...

A exigência de lidar com o mundo inteiro e fazer tudo bem feito, do início ao fim. Um cuidado excessivo com o outro, numa

tentativa de controle até do que racionalmente não se tem. Várias ideias e reflexões. Tudo ao mesmo tempo.

Essa inquietude é o que tenho de mais semelhante à minha mãe, Adriana da Silva Thoma. Assim como eu me percebo hoje, lembro que me chocava com a quantidade de coisas que ela pensava desde a hora que acordava. Essa mulher, professora, orientadora, esposa, irmã, mãe, amiga, tia... que, em todos esses espaços, foi guiada pela força do cuidado e da entrega. Esse era o propósito fundamental dela: garantir o bem-estar de todos. É lindo ver como os cuidados dela transbordaram os limites da maternidade, da docência e da amizade.

Mas sendo essa uma característica em comum entre nós duas, hoje eu compreendo a culpa por as vezes precisar se dividir, não conseguir abraçar o todo. Por, de repente, esquecer-se de aproveitar a jornada por estar focada demais no destino final. Mais ainda, sei que ela reconhecia essa fragilidade em mim também. Foi por isso que, antes de ir, Adriana Thoma me apresentou a despedida. Como mãe, ela foi uma leoa brava, orgulhosa da sua ninhada e incapaz de deixar faltar o que for para seus filhotes, nem mesmo respostas.

Nossa despedida foi em novembro de 2018. Já fazia alguns dias que minha mãe estava lutando bravamente na CTI do hospital e eu estava acompanhando na torcida pela melhora. Até que no final da manhã do dia 19, me convidaram para visitar um centro de umbanda. Eu fui, e levei comigo uma camiseta dela. Chegando lá, sentei de pés descalços em frente ao Preto Velho. Ele tocou a camiseta e entendeu que eu não estava ali sozinha. Enquanto a mexia, o Orixá dava suspiros profundos. Então, ele me fez um pedido: que, em uma folha de papel, eu escrevesse o nome, descrevesse onde minha mãe estava e, em seguida, o desejo dela. “O que ela quer?”. Escrevi:

Adriana da Silva Thoma  
Porto Alegre  
Hospital Moinhos de Vento  
CTI sala 27  
**Ficar com a gente.**

Em seguida, li em voz alta. O Preto Velho mais uma vez suspirou profundo, e pensou por alguns segundos.

– Vamos tentar de novo: o que ELA quer, não o que você quer!

Então, escrevi em outra folha de papel:

Adriana da Silva Thoma  
Porto Alegre  
Hospital Moinhos de Vento  
CTI sala 27  
**Que a gente fique bem.**

Li em voz alta mais uma vez. Dessa vez, o Preto Velho suspirou mais aliviado. Então, para encerrar, ele deu um nó na camiseta dela e orientou:

– Coloca no coração dela, e diz para ela fazer o que ela quer!

Meu pai me ligou algumas vezes durante esse tempo. Quando vi, retornei o contato. Ele me contou que os médicos manifestaram desesperança em relação ao quadro clínico da minha mãe, e que tinham decidido suspender as dolorosas tentativas de recuperação. Nesse tempo, voltei para o hospital.

Quando cheguei, sentei ao lado dela, finalmente sabendo o que ela sentia e o que eu queria dizer. Então, pedi que ela descansasse. Disse que eu cuidaria da gente. “A gente vai ficar bem!”. Agradei por ter tido a oportunidade de ter sido filha dela, e que honraria todo e cada ensinamento. Prometi que meu choro seria só de saudade. Por fim, coloquei a camiseta no peito dela e disse: “faz o que tu quer!”, e no monitor do quarto observei os minúsculos batimentos registrados se reduzirem a zero.

Essa é a força do amor de Adriana Thoma: ela me esperou. Tudo para que a gente pudesse ter mais esse momento só nós duas. Sem escola, trabalho, dinheiro ou prazos. Éramos eu e ela, vivendo, nem que fosse o último segundo. Escrevendo para ela, me encontro mais uma vez nesse lugar. Nesse estado fundamental de presença. Que a leitura das lembranças de Adriana da Silva Thoma signifique encontrar-se nesse pleno estar.

The background is a soft watercolor wash in shades of yellow, orange, and light green. It features faint, artistic depictions of a bird in flight at the top, a large orange flower on the left, and a green leafy plant at the bottom. Small orange and brown dots are scattered in the lower-left area.

Parte

1

**Adriana  
Thoma,  
presente**

você é uma frase bonita  
dessa que a gente sublinha no livro  
faz tatuagem, conta pra todo mundo  
dessa que dividem a gente  
em antes e depois

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

Capítulo 1

# Adriana

*Luciana Gruppelli Loponte*



Rio Segre, Lleida, Catalunya, Espanha - 19 de novembro de 2018.

**Fonte:** Acervo da autora.

## **LLEIDA, NOVEMBRO DE 2018**

Eu estava em Lleida, uma cidade pequena da Catalunha, cerca de 160 km de Barcelona, em um período como professora visitante na universidade. Como estrangeira, distante de amigos e familiares, senti meu coração apertar mais ainda quando soube da notícia que a minha amiga Adriana tinha nos deixado. As mensagens chegavam e eu não acreditava. Tristeza, incompreensão, sensação de injustiça, impotência. Como é que eu não poderia me despedir? Será que ela sabia o quanto eu a amava e admirava?

Naquele dia, lembro da foto que tirei do Rio Segre, rio límpido e cristalino que corta a cidade de Lleida. A luz do entardecer daquele dia de outono – “tardor” em catalão – me iluminava. É uma homenagem a ti, Adriana. No outro dia, fui a Catedral de Lleida e quis acender uma vela – independentemente de qualquer crença, precisava de algo de sagrado naquele momento. Dos vários altares e santos, escolhi o altar de Nossa Senhora de Montserrat, a virgem negra, padroeira da Catalunha. Uma Nossa Senhora negra? Acho que a Adriana iria gostar.

## **SANTA CRUZ DO SUL, SEGUNDO SEMESTRE DE 1999**

Depois de um processo seletivo, ingressei como professora da Universidade de Santa Cruz do Sul. Um mundo novo me aguardava. Como professora universitária, muitas possibilidades se abriam em uma universidade que estava começando a dar seus primeiros passos. Muito a descobrir, muito espaço para aprender. Comigo, muitos colegas ingressaram na universidade, todos de outras cidades. Logo já ouvi falar sobre a Adriana, do seu casamento, das pesquisas que ela realizava.



Foi a primeira vez que ouvi falar sobre pesquisas sobre educação de surdos e soube de modo mais próximo sobre a Língua Brasileira de Sinais. Admirava a sua fluência em Libras. E sei que a Adriana aprendeu sobre artes comigo. Quanta coisa aprendemos juntas.

## **PORTO ALEGRE, SETEMBRO DE 2018**

O Brasil fervia politicamente, às vésperas de uma eleição conturbada. Um movimento iniciado na internet toma as ruas: Mulheres contra Bolsonaro. O slogan: #elenão. Todas as mulheres foram convocadas para irem às ruas e, em Porto Alegre, o encontro era no Parque da Redenção. Por acaso, em meio aquela multidão de mulheres, encontro a Adriana e ali ficamos, conversando, protestando, brincando, rindo, contando as novidades. Soube da Marina e do Ramiro, tiramos fotos. As últimas, mal sabia.

## **SANTA CRUZ DO SUL, ENTRE 2000 E 2007**

Moramos juntas em Santa Cruz do Sul duas vezes. Dividimos quartos, despesas e histórias. Nos encontrávamos no ônibus entre Porto Alegre e Santa Cruz do Sul nas madrugadas, pela manhã ou tarde da noite. Soube logo da gravidez em que a Adriana esperava a Marina e mais tarde, o Ramiro. Contávamos histórias, projetos, expectativas sobre a vida. Participamos de muitos projetos juntas, nem sei dizer quantos. Estávamos cursando o doutorado na UFRGS mais ou menos na mesma época e fizemos concurso para a universidade quase ao mesmo tempo. Fomos nomeadas com pouco tempo de diferença. Continuávamos colegas, enfim.

## PORTO ALEGRE, NOVEMBRO DE 2015

Aniversário de 15 anos da Marina. Estava feliz em estar ali, rever amigos e, de algum modo, refazer uma história que tivemos juntas. Acompanhei a gestação daquela menina, que agora despontava como uma mulher linda e vibrante. Adriana estava radiante. Que orgulho.

Na UFRGS, estávamos em departamentos diferentes e às vezes nos encontrávamos pelo elevador ou pelos corredores. *E aí, tudo bem? Como estás? Vamos tomar um café um dia desses? Vamos!* A vida na universidade nos consome demais e nunca temos tempo. Sempre na corrida, tentando dar conta das demandas intermináveis, entre família e trabalho. Sempre lembro daqueles cafés que não tomamos.

## VALENCIA, NOVEMBRO DE 2018

Em uma livraria de Valencia, na Espanha, encontrei um livro da Adriana: *Políticas de in/exclusión*. Que orgulho senti de ti, minha amiga. Soube que não estavas muito bem e mandei uma mensagem contando. *Oi, amada!*, me dizes. Me contas que a doença tinha encontrado a pessoa errada e me pedes para que eu aproveitasse a estadia na Espanha. Eu acreditei e quis acreditar com ela que ia ficar tudo bem. *Beijo grande sua linda*, ela se despediu.

## PORTO ALEGRE, AGOSTO DE 2022

Adriana, acreditas que uma pandemia praticamente parou o mundo todo em 2020 e trabalhamos em casa por mais de dois anos? Tivemos que dar aulas remotas, precisamos aprender a mexer em ferramentas digitais, lidar com videoconferências,

palestras on-line, eventos ao vivo (que agora chamamos *lives*). Até a nossa querida ANPEd, que fomos juntas tantas vezes, foi realizada de forma online, quem imaginaria?

Somente em 2022, voltamos ao prédio da Faculdade de Educação. Voltar ao prédio da FAGED e saber que não vamos nos encontrar pelos corredores dá um aperto no peito. A Clarice também não está mais por aqui. Estamos reencontrando todos aos poucos, ainda de máscara, economizando em cumprimentos e abraços. Vontade de marcar cafés e conversas com quem eu quero bem, por que nunca sabemos se vamos ter tempo.

Te conto ainda que, em 2019, adotei um menino com 5 anos e ele se chama Guilherme. Tu serias uma das primeiras pessoas para quem eu iria contar por aqui. Sei que onde estiveres, vibrarás com a minha maternidade tardia. Apesar de tudo e de toda a nossa correria, sempre soubemos que a vida (e nem a morte) não cabe no Lattes. Um beijo, amada.

# **Adriana, minha amiga, você é *patchwork*... um poema em retalhos coloridos!**

*Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado*

Uma vez, estávamos juntas em Uberlândia, lá pelos idos de 2012. Aliás, entre os anos de 2010 e 2013 nos encontramos muito. Desde nossa viagem ao Chile ao Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos, passando pela Associação Nacional de Pesquisadores em Educação (ANPEd) em Porto de Galinhas, pela Universidade Federal em Uberlândia, pela Universidade Federal em São Carlos... em cada lugar, em cada ano, para algum trabalho específico. Mas aqui quero retomar nosso encontro em Uberlândia na Universidade Federal.

Em Uberlândia se tratava de um encontro com colegas da área de educação de surdos e por isso com muitos afetos. Estávamos em meio a grandes amigos compondo um grupo de muito carinho e a Adriana era a nossa referência. Estar com a Adri, e dividir com ela

a mesa redonda com a temática da Educação Bilíngue me deixara muito nervosa. Além do que, tive o privilégio de dividir o quarto com ela e por isso estava muito orgulhosa!

Nesta mesma data, na mesma Universidade estava acontecendo o evento nacional de Estudos Foucaultianos. Uau! Encontramos outras referências maravilhosas como a Maura, o Alfredo e outros estudiosos de Foucault. E quando eu e Adri saímos do nosso quarto de hotel para irmos à cervejaria encontrar com esse pessoal todo, que era nossa referência, ela me perguntou:

– Luzinha, você não acha que estou muito *patchwork*?, eu respondi:

– Claro que não, Adri.

Ela não ficou muito satisfeita pois achava seu vestido muito amarelo e os detalhes das flores vermelhas a estava incomodando um pouco. E eu continuei:

– Podemos ser pesquisadoras *patchwork*!

Ela, como uma boa aquariana que é, deu as costas e disse:

– Verdade! Vamos então, arrasar em *patchwork*!

O estilo *patchwork* é marcado por retalhos e por cores que, costurados juntos, formam um tecido único, quase um poema! Claro que minha amiga era isso, tanta diferença em uma só! Uma mulher pesquisadora maravilhosa, profissional de primeira grandeza com projetos grandiosos, mãe e tantos outros devires que compunham neste mosaico, a amiga preocupada se estava muito colorida para sair com outros pesquisadores.

Ela também era aquela com a coragem, em outra época, já lá pelos idos de 2013 quando estávamos em São Carlos/SP, de pedir para

levar um exemplar do cardápio do bar “Seo Gera”, só porque eu achei bonito (nem sei se este bar ainda existe) pois JAMAIS pegaria sem pedir ao garçom (como eu e outro professor sugerimos e ela quase nos bateu) e onde QUASE gastamos mais de duzentos reais para tomar a cerveja chamada “Deus” que mesmo sendo um *brunt*, não ficamos bêbadas o suficiente para fazer essa loucura... (Deus nos perdoe).

Agora uma digressão aqui. Conheci Adriana, em um primeiro momento, no seu texto sobre surdos e cinema, decorrente de sua tese de doutorado, capítulo do livro *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Este livro do Carlos Skliar, onde ela assina um dos capítulos, mudou muito a minha vida. Eu estava no meu primeiro ano de graduação na Universidade Federal do Espírito Santo e tal livro me deixou com muita vontade de ler a tese dela e de outros que ali escreveram. Mudou muito a minha perspectiva sobre surdos e sobre surdez, mesmo sendo filha de surdos, foi uma guinada que dei.

Ao entrar no mestrado em 2005, conheci a Adri pessoalmente na ANPEd quando ainda era em Caxambu/MG... gente, eu apertei a mão dela e logo a olhei e disse:

– Sou sua fã!, ela respondeu:

– Imagina.

E conversamos muito. De fato, ela era uma pessoa particularmente singular, generosa e verdadeira. Ela me deu muito do tempo dela e nunca mais nos desgradamos. Eu era só uma garota começando um mestrado, tentando ser uma pesquisadora e Adriana, já feita, um poema, uma prosa, sei lá, aquela que me disse:

– Vais longe, gurial!

Eu fui, Adri e você acompanhou. Você viu tudo, tudinho. Você esteve presente nos momentos mais importantes de minha

vida e um deles, foi no meu concurso, em 2009 para professora universitária da Universidade Federal do Espírito Santo, meu lar e foi da minha banca de doutorado anos depois, em 2012. E ainda, sentamos juntas em tantas bancas, tantas ideias e já até compartilhamos projetos. Lembro também de termos lido *O andar do bêbado: como o acaso determina a nossa vida* escrito por Leonard Mlodinow, indicação de Cris Lacerda quando estávamos em São Carlos. E ficamos chocadas e discutimos juntas por vários dias sobre como o acaso, o incalculável, era mais presente do que podíamos controlar em nossas vidas. E que coisa né Adri... não é que não calculamos o que a vida nos fez te levando de nós?

Sabe, eu percebi que estava chegando lá quando eu e você estávamos sentadas no mesmo lado da mesa em uma banca ou de concurso ou de defesa ou mesmo de qualificação ou em mesas outras. Eu olhava para o lado e pensava:

– Caraca, eu estou chegando lá!

E mais, este ano faria vinte anos que defendera a sua tese de doutorado e eu, este ano faço dez anos de doutora. Não sou muito de números cabalísticos, mas é uma forma meio tosca de me sentir ligada. Provavelmente daríamos um jeito de tomar um vinho virtualmente por conta da pandemia. Agora, falando disso, lembrei que você não pegou esse momento do mundo. Apesar de eu achar que não perdeu nada, eu preferiria que estivesse aqui, para que junto conosco, batalhasse para que todos ficassem em casa e cuidassem da vida, que usassem máscara, mantivessem o distanciamento e tomassem vacina. Conhecendo você, era o que faria.

Também iria querer estar de mãos dadas com você e com tudo que você representa para derrubarmos esse fascismo instaurado, contra esse insano que está na presidência destruindo

nosso país. É muito triste, mas precisamos resistir e sei que seria exatamente o que estria fazendo.

Adri, tomamos muitas cervejas juntas, fomos à praia, tomamos sol, contamos piada. Sei que você era simplesmente apaixonada por nós, capixabas. Vir para cá era seu *hobby*! Rimos muito juntas, das cores, dos cinquenta tons de cinza e enfim, são lembranças lindas de mais do que trabalhos juntas, era muita alegria junta, era tudo muito *patchwork*. Mas também, minha amiga, foi muito dura nossa última conversa por telefone em 2018 porque eu realmente achei que nos falaríamos novamente... de verdade.

Mas não tem problema... na minha cabeça você sempre estará/será muito *patchwork*. Eu acredito que vamos nos encontrar e estaremos em um quarto de hotel nos arrumando para irmos à cervejaria “Seo Gera” e dessa vez iremos passar no cartão (e parcelar em 5 vezes se for possível) a cerveja “Deus” tomaremos até a última gota completamente coloridas, completamente *patchwork*, completamente poemas!



# Quando penso em Adriana

*Juliana de Oliveira Pokorski*

*Luciano Bedin da Costa*

Penso na Adriana<sup>3</sup>

não penso nas coisas e pessoas que não tiveram a sorte de encontrá-la

Penso na sua força de encontro, de fazer encontro, de ser encontro não

penso nos tantos espaços acadêmicos vazios de gente e de vida

e de encontros

Penso na maneira como nos convocava a entrar em algo novo com ela,

3 Poema produzido a quatro mãos, inspirado no poema Pedra explodida na mão do monge, de Matilde Campilho, e que se encontra em CAMPILHO, Matilde. **Jôquei**. São Paulo: Editora 34, 2005, p. 122.

no friozinho na barriga que sentíamos a cada novo projeto  
não penso que é justamente de novos friozinhos na barriga que precisamos  
Penso no sorriso largo, no olhar acolhedor  
Penso nessa crença no ser humano, na forma que acreditava na gente  
na forma que fazia o melhor de nós brotar,  
nos inspirava pesquisas, escritas, lutas  
Penso na forma de enxergar possibilidades, na maneira que todos pareciam  
maiores, melhores, mais capazes sob o seu olhar  
não penso no que poderia ter sido,  
o que poderíamos ter sido em novos projetos conjuntos  
Penso no trânsito entre línguas, ambientes, campos de pesquisa,  
na escola habitando a universidade a convite dela, e a universidade  
habitando as escolas, com ela  
não penso no quanto esse vínculo precisa ser retomado, valorizado, até  
mesmo porque cada novo projeto pode ser um tributo à Adriana  
Penso na maneira como subia as escadas e nos encontros em elevadores,  
nos passos assertivos em direção a alguma aula, nos acenos e abraços  
trocados nesse delicioso “entre” chamado corredor  
não penso no quão estranhas ficam as escadas, os elevadores, os passos,  
os corredores e as aulas sem a sua cotidiana presença  
Penso no seu sotaque, no timbre de sua voz, na dança  
de suas mãos, braços, punhos e dedos  
Penso que, nela, a arte de sinalizar era antes de tudo uma política  
Penso nas boas brigas que travava  
no poder de recusa a determinadas convenções

não penso no tanto de azar que a morte traz àqueles que  
aguardam a última palavra e o penúltimo gesto  
Penso nas memórias valorizadas,  
na docência política, no ser professora até mesmo em uma mesa  
de bar, no quanto era possível aprender, compartilhar saberes, histórias  
nas festas de aniversário, nos encontros de família, e em como  
conseguíamos ser família  
não penso nas novas memórias inviáveis de serem produzidas.  
Penso na arte da invenção  
na abertura para o novo, na coragem permanente para  
buscar conhecimentos,  
Penso no entusiasmo pelas possibilidades de compartilhamento  
e aprendizagem conjunta  
Penso em Foucault, Larrosa, Skliar, Barthes  
na leitura compartilhada, no encantamento com novos conceitos, novas  
ferramentas para seguir olhando para o mundo, e tornando ele melhor  
não penso no sentimento de vazio, no peso que sua ausência im-  
prime no peito e que tem a inexata medida de uma saudade  
Penso na presença marcante, no quanto ocupava os espaços e nos levava  
junto, para seguir nossos sonhos,  
para construir sonhos coletivos.  
Penso no amor pelos livros, pelas leituras do outro  
Penso em uma das últimas fotos postadas: Adriana e um livro  
por defender a educação a todo momento, lutando pela escrita, pelo diálogo

Penso nas cartas escritas, nas trocas de cartas,  
nas histórias contadas, registradas, e no quanto de Adriana se-  
gue vivo na escrita, nas suas escritas, nas nossas escritas  
Penso nesse poema, no quanto é difícil escrevê-lo já que lembrar é em  
alguma medida reviver  
mas penso no quanto essa escrita é fruto de Adriana  
do encontro entre diferentes formas de ler e escrever, pessoas diferentes  
que foram encontradas por ela, e se encontraram enquanto  
se faziam pesquisadoras, militantes e docentes.

# Elogio de Adriana

*Carlos Skliar*

## UNO.

La vida es fundamentalmente circunstancial, efímera, contingente. Este es un saber ancestral que la memoria insiste en guardar y la novedad no logra olvidar y ni siquiera contrastar: los cuerpos no son eternos, la sangre no fluye para siempre, la respiración se corta de un segundo a otro, el corazón no late en dirección al infinito. Saberlo así no significa acatarlo o complacerse. Las culturas bordan los modos de dar presencia a la vida y trascendencia a la existencia; las religiones intentar renacer la fe entre el crepúsculo y la opacidad; las filosofías rozan la

muerte para poder pensar y ejercitar qué es el vivir; el arte detiene, o intenta detener, ese instante misterioso entre la vida y la muerte. Y la poesía de Ángel González lo dice así: *“Lo que queda / tan poco ya / sería suficiente / si durase”*.

## DOS.

¿Puede la vida multiplicarse en varias direcciones y ser ella misma multitud de senderos, laberintos y encrucijadas? La respuesta será siempre sí, una y mil veces, para negar de raíz las absurdas profecías sobre una vida sola, una vida única. La vida no es solo repetición de uno mismo, ni uno mismo quiere decir único, ni único quiere decir la verdad. En cada vida hay soledad y multitud, mares de potencia y abismos de impotencia. La vida es una pregunta que no termina de pronunciarse y que nadie parece capaz de responder todavía. Porque toda vida es un compendio errático e inexacto de quimeras: tener, sentir, padecer, vivir una vida no significa otra cosa que ser capaces o incapaces de otras vidas. El destino es una palabra que solo puede pronunciarse un poco antes de la muerte. El porvenir es una encrucijada que no espera nunca. El pasado crece a los lados como si el cuerpo no tuviese agallas para contenerlo. La soledad es un columpio de movimiento ilimitado. Quizá si alguien se hubiera dado cuenta de algo ínfimo, de su distracción o de su excesiva atención. Quizá si aquel niño no se hubiera escapado a la hora de la siesta ni golpeado fatalmente su cabeza contra una piedra oscura. Quizá si dos individuos se hubieran conocido antes. Quizá si el terremoto hubiese comenzado lejos de aquí. Quizá si un perro no hubiese atravesado esa avenida demasiado ancha. Tal vez si no hubieras dicho aquella palabra. Quizá si Adriana todavía viviera. Casi seríamos distintos, casi en otra parte, casi sin desearlo, quizá sin reconocernos. Y sin embargo no fue eso lo que ocurrió, ni tampoco

lo contrario. Porque un instante es la historia inaprensible del casi, del quizá, del sin embargo. Porque todos estamos en este instante delante de algo, alrededor de algo, debajo o encima de algo, que por ahora no entendemos: la vida y la muerte, en apariencia distantes, disueltas, impropias, ajenas.

### **TRES.**

Llegar al fin, al término. Pronunciar la última palabra posible, solo expresable por otros. Abandonar el cuerpo, la memoria, el destino, la infancia y el amor, todo de una sola vez. Decir como expirar, como resoplo exánime. Dejar de saber si es posible otra vida. Dejar de saber, incluso, si es posible otra muerte. Abandonar el escenario de la vida. Pasar a ser recuerdo u olvido. Desterrarse el yo sin noción de otra tierra que el entierro. Haber puesto en la trama de la vida todo lo que era posible. No saber, jamás, si acaso aquello era todo lo posible.

### **CUATRO.**

Con los muertos sostenemos una conversación esencial. Pues: ¿qué mundo existiría sin el mundo? Gracias a esas páginas de voz y letra esparcidas en el alma es posible imaginar el deseo porvenir, la vida por vivir, el sueño por oír. Lo inhumano arrasa con la memoria y en ese alud de ignorancia y de soberbia impar, desaparecemos nosotros mismos. Toda enseñanza proviene de una infinita duda anterior. Toda luz comienza por debajo de la tierra.

### **CINCO.**

A veces no es necesario cerrar los ojos, apretar los puños o esforzarse en recordar. Sucede que hay personas, situaciones,

instantes, que nunca pertenecerán al pasado, como si no estuvieran lejos ni fueran remotos e inalcanzables. La memoria nos juega una mala pasada, es verdad, y tiene visos de ficción, pero la pregunta sobre si los recuerdos están atrás o en el presente marca una línea divisoria entre el olvido, la presencia y el destino borroso. Todo lo que está, está aquí; quiero decir: Adriana permanece, yo estoy a su lado, estamos en el año 1994, la ciudad es Porto Alegre, el lugar es la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Río Grande do Sul. ¿Acaso alguien puede decir que no es cierto, que no es verdad, que no estamos ahora mismo aquí/allí juntos?

## SEIS.

No preciso ver fotografías, ni acudir a testimonios, ni rejuvenecer mi cuerpo para recordar a Adriana. Pues, como ya dicho antes, permanecemos, estamos, y todo recuerdo es una forma de mantenernos vivos. Arriesgo una primera aproximación, una síntesis que no pretende caer en la trampa de la mezquindad o la demagogia: la **fuerza alegre**. Adriana era/es eso mismo: una potencia capaz de reír, una inmensa fortaleza desvestida o desnudada por la risa, o bien una risa de enorme fuerza, un cuerpo capaz de enfrentar los torbellinos, las mareas, y de reír al mismo tiempo. Nos quisimos/queremos, nos apoyamos, nos sostuvimos/sostenemos, nos enfrentamos, miramos hacia el mismo lugar, desde el mismo lugar, con ojos parecidos; fuimos maestro/discípulo, colegas, amigos, y con otras y otros creamos eso que hoy podría llamarse una comunidad fraterna, amistosa, de conversación. Casi puede decirse que fue allí, con ella y con otros, que aprendí o me di cuenta que educar es eso mismo: crear comunidades de conversación con cualesquiera, con quienquiera, en la radical diferencia de la multiplicidad, en medio de una atmósfera de igualdad.



## SIETE.

Ahora encuentro las tesis de doctorado de Adriana del 2002 sobre Cine y representaciones sordas; reviso apuntes de aquella época que, siento, percibo, pienso, comprendo, nunca pasó, nunca se fue, nunca se olvidó. En mi ignorancia de entonces, en mi levedad, en mi absoluta perplejidad, fue Adriana quien me enseñó que a veces, pero no siempre, hay que tomarse las cosas muy en serio o mucho más en serio. Ella me lo dijo porque quizá sentía que no la estaba acompañando del todo en su estudio y en su escritura. Me lo dijo con su reconocible fuerza y, también, con su risa. Nunca antes había conocido yo algo que podría llamarse un “enojo alegre”, esa suerte de verdad inocultable que hay que expresar pero cuidando a la vez los modos del decir. Enojarse cuando toca pero anular la distancia o la separación. Segunda aproximación, entonces: Adriana tenía una **relación transparente con la verdad** o, para mejor decir, no soportaba la medianía, la flaqueza de carácter; su vida era casi por definición un campo de batallas y, allí, en medio de tanta dificultad, con entereza, con firmeza, solía mostrar el rostro de lo más genuino. Como si la verdad, en vez de ser trascendente y definitiva, fuera para ella el gesto necesario para la armonía de lo cotidiano.

## OCHO.

Luego de mi partida en 2004, nos reencontramos en Porto Alegre, en la FACED, unos años después, cuando fui invitado por quienes habían compuesto el mítico NUPPES, como un modo de hacer presente el pasado, de no permitir que el pasado se vea forzado a retroceder o a escaparse, y para no dejarse vencer por la falsa ilusión del siempre-vivir hacia adelante. Parecía ser que todo estaba intacto y que había profundas transformaciones,

al mismo tiempo, como si hubiéramos regresado a un punto de partida a la vez idéntico pero ya alterado, el mismo, distinto. Una sensación amorosa y extraña recorrió esos pocos días por mi cuerpo: no hacía falta preguntarnos por el tiempo que había pasado, no hacía falta recuperar el tiempo, no había ningún tiempo perdido o no deseábamos sentir ninguna pérdida. Tuve entonces mi última conversación con Adriana, que es, por cierto, la primera conversación que recuerdo: *“has cambiado, pero incluso hasta tus cambios son reconocibles para mí”*. Pensé que era una frase como al pasar, de esas que se dicen por decir, cortésmente. No había imaginado, en ese momento, la profundidad de su dicho.

## NUEVE.

La profundidad, la fuerza, la alegría, la relación cotidiana con la verdad. Así recuerdo a Adriana. Así la recuerdo ahora mismo, en el presente. Aún sabiendo de la existencia de cambios nunca deseados, de ese pasaje incalculable y trágico de la vida a la muerte, no podré nunca nombrarla en el pasado, como algo que ya pasó o un lugar y un tiempo en el que ya pasamos y que no nos deja volver atrás porque, como decía Virginia Woolf: *“la atmósfera es imposible”*. Pues esa atmósfera junto a Adriana es irremplazable, será siempre la misma y otra, y en la cual yo solo puedo sentir gratitud, una gratitud infinita, una gratitud más allá de cualquier límite.

Capítulo 5

# **Era uma vez uma menina e dois meninos**

*Solange Rocha*

Canção Mínima

No mistério do Sem-Fim,  
equilibra-se um planeta.  
E, no planeta, um jardim,  
E, no jardim, um canteiro;  
no canteiro, uma violeta,  
E, sobre ela, o dia inteiro,  
entre o planeta e o Sem- Fim,  
A asa de uma borboleta  
(MEIRELES, 1958<sup>4</sup>)

4 MEIRELES, Cecília. **Obra poética**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.

Um menino indaga: “Papai, então me explica para que serve a história?” (BLOCH, 2001, p. 41<sup>5</sup>). Um outro menino<sup>6</sup> pega um livro na estante dos pais, folheia sua materialidade, observa as letras, essas ainda para ele mistério sem-fim, olha para sua mãe em ato indutor e diz: *era uma vez...*, aguardando sua mãe seguir com a história. O livro escolhido versa sobre a história da educação de meninas e meninos surdos. Um dia quando o mistério da leitura e da escrita o alcançar, vai saber. Ambos meninos queriam saber de história. Que queiram todos os meninos e meninas saber de história, das muitas e tantas histórias do planeta, do jardim de Cecília, de Adriana e do mundo que nos assombra.

Aqui também tem uma intenção de história. Agora é a da menina, com temporalidade em múltiplas dimensões. Dimensões em atravessamentos temporais do campo sobre o qual a menina elegeu versar.

Suspendem-se formalidades para que o tempo da poesia não se deixe aprisionar. A leitura do sensível larga a mão dos rigores acadêmicos para, livre, poetar. Transitar pelas ideias de um campo tão antigo, um campo em diálogo com outros tantos campos, nas asas de uma borboleta.

Um convite.

Agora é a vez de Adriana, cuja extensão de seu reino é o olhar que debruçou sobre uma minoria em luta e que aderiu produzindo o milagre das ideias convertidas em textos. Ideias que viajaram nas asas da borboleta e pousaram em muitas terras áridas de modo que pudessem regá-las. E assim foi. E assim vem sendo. O campo/jardim foi regado e segue sendo.

5 BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

6 O menino Miguel é filho de Tayla, cursando pedagogia no INES, e de José Renato, antropólogo e professor do Ensino Superior do INES.

Há pelo menos trezentos anos, nas terras áridas das recém-criadas salas de aula, produziu-se muito conhecimento. Meninas surdas e meninos surdos estavam ingressando na cultura formal escolar em expansão. O debate era intenso. Elas e eles, para as quais e para os quais se destinavam o debate, quem eram? De onde vinham? O que queriam? Vamos ensinar a falar? Ler os lábios? Tornar funcionais resíduos auditivos? Conversar com a língua das mãos? Legitimar a língua das mãos sem o assombro da clandestinidade? Juntos com meninas e meninos que ouvem? Separados? Ensinar a língua das mãos? Criar uma língua das mãos? Misturar? Eram nesses territórios, no dezoito, onde se percorriam diferentes caminhos.

Muitos registros.

O pastor e o abade divergiam apaixonadamente. Reforma e Contrarreforma subjazia à divergência. Fizaram escola. Antes deles, no dezessete, em 1620, o espanhol Bonet<sup>7</sup> publicou o primeiro livro que se tem notícia, cujo nome era *Reduction de las letras Y a arte para ensinar a balar os mudos*. Portanto, o campo se apresenta em sua mais conhecida e antiga publicação com a intenção da fala. A fala seria o acontecimento milagroso para um contexto religioso. Para uma Europa significada na religião. Reis católicos com poder de cura, por séculos<sup>8</sup>. O que curar?

A ideia da estimulação de resíduos auditivos, somente nas mentes iluministas já voltadas para a ciência.

A seguir a educação, a escolarização popular, o acesso às disciplinas e não mais somente aos conteúdos de natureza religiosa. Itard<sup>9</sup>, nosso colega de campo, na virada do dezoito para o

7 Juan Pablo Bonet (1579-1633).

8 BLOCH, Marc. **Reis Taumaturgos**: o caráter sobrenatural do poder régio França e Inglaterra. Prefácio de Jacques Le Goff. Trad. Júlia Mainard. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

9 Jean Marie Gaspar Itard atuou como médico por trinta e oito anos no Instituto Nacional dos Jovens Surdos de Paris. No ano de 1799 assumiu a educação de um menino surdo abandonado nas florestas de Aveyron. No ano de 1970, o cineasta francês François Truffaut dirige o filme *O Menino Selvagem* que trata da relação de Victor com Itard.

dezenove tentou, com o atribuído Victor, educar e trabalhar sua possibilidade de fala e de tornar funcionais possíveis resíduos auditivos. Foi um médico do ideário iluminista. Segue muito criticado segundo expectativas atuais.

História! História! Para que serve *era uma vez*?

Era uma vez um hoje. Era uma vez um recém-histórico hoje para onde se destinam nossas inquietações e impressões. Agora, ou sempre, o debate segue. Portanto, era uma vez um norte-americano<sup>10</sup> que disse ao campo que a *linguagem de sinais, ou mímica, ou linguagem das mãos, ou o meio predileto de comunicação dos surdos-mudos*, é uma língua! O super-homem, mais uma vez mudando o curso da história, agora não mais para salvar Lois Lane, mas para salvar o campo de sua possível apatia, decretou: é língua! Seguente ao decreto do americano o campo se moveu e muitos atores entraram em cena.

No mistério sem-fim equilibra-se um campo. E entre nós equilibram-se e desequilibram-se ideias.

O território INES, considerando-o uma possibilidade de canteiro, tal como nos apresenta Cecília, acolheu e acolhe violetas. Perto e longe de salvadores e heróis, esse histórico canteiro recebeu o sol das ideias que se perpetuam e se transformam. A língua de sinais teve lá suas fases de compreensão, dizem os documentos. Só não dizem as razões pelas quais iam e vinham. Ora apostavam na comunicação por sinais e o desenvolvimento da escrita, ora na aquisição de linguagem oral para todos, ora na aquisição de linguagem oral para os mais aptos, ora, agora, na língua de sinais para todos secundando-se a língua escrita.

A menina da nossa história rega esse campo trazendo as subjetividades. Fora das páginas de documentos seculares pessoas se

10 William C. Stokoe, Jr. Professor e pesquisador da Universidade Gallaudet, EUA.

humanizam. Crianças abrigadas em lares coletivos, tal como o atribuído Victor, foram alcançadas por seu olhar inquieto e generoso.

É uma vez então, meninos surdos e meninas surdas como sujeitos históricos com múltiplas identidades. Múltiplas em suas diferenças e nos desafios da alteridade. Meu outro, quem é? Meu mesmo, quem sou? Como a produção cinematográfica construiu imaginários sobre esses sujeitos? Ela quis saber. Na dura realidade das escolas públicas brasileiras, SINAIS<sup>11</sup> de sujeitos, inclusão, narrativas, identidades, alteridades e subjetividades. Seguimos pensando em sua companhia, na companhia do seu legado para os enfrentamentos cotidianos. No chão da escola riscam-se muitos traçados. Essa trama que será tecida é o tecido social que nos identifica brasileiros. Não importa se surdos ou ouvintes. Importa a nós, aqui, o legado de Adriana que se inscreve na longa história da educação de meninas e meninos surdos de todos os canteiros.

E, sobre ela, o dia inteiro. Presença de Adriana Thoma<sup>12</sup> no INES



Fonte: Acervo Histórico do INES (2018).

11 Grupo de Pesquisas SINAIS: Sujeitos, Inclusão, Narrativas, Alteridades, Identidades e Subjetividades.

12 TV INES. **Manuário:** Adriana Thoma. - Pesquisa realizada pelo grupo de pesquisa Manuário, liderado por Wilma Favorito e Janete Mandelblat. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://archive.org/details/manuario-tv-ines/MANU%C3%81RIO-%E2%80%93-ADRIANA-THOMA-Gb-FYKjCvpp.mp4>. Acesso em: 30 jul. 2022.

# Adriana Thoma...

*Camila Guedes Guerra*

## **Amável...**

Aquela que sempre amou a Educação.

Aquela admirável.

Aquela que lutava.

Aquela que não desistia.

## **Diva....**

Sempre se erguia, seguindo em frente.

Fazendo do jeito dela, arrumada para sair e trabalhar.

## **Raiz....**

Ligada à Educação Especial, à inclusão, à política e à Comunidade Surda.



**Ideia....**

Ideias para organizar e abrir espaços para receber os professores, pesquisadores, bolsistas e alunos.

**Ação...**

Ágil, nunca parava de trabalhar, fazer os projetos e ajudar, em muitas outras coisas, na vida pessoal e profissional.

**Necessidade...**

Sempre atendendo a todas necessidades.

Priorizando o atendimento dos alunos, das reuniões, projetos, artigos, aulas, professores, colaboradores, família e amigos.

**Admirável...**

Admiro o jeito dela! A mulher que sempre foi!

É uma honra poder prestar meu agradecimento por ter ela com a gente. Sua presença nos fez muito bem. Sua dedicação, produção, preocupação e humildade são marcas que estão presentes em todos nós, todos os dias. Por tudo que representou e representa, isso o não é um adeus, e não será. Você está e sempre estará em todos os lugares. Adriana PRESENTE!!!

# **Adriana Thoma:** amiga, educadora especial, pesquisadora e referência na educação de surdos brasileira

*Daniele Noal Gai*

Adri, vou escrever para você fazendo uso da escritapoesia. Reuni livros bons aqui na minha mesa de cozinha, que fica na minha sala de estar e que tem sido escrivaninha. Uma mesa bonita, de madeira rústica e com enfeite de lápis, folhas, bordados e frutas. Lugar de onde maternei, lecionei com e para a filha e o filho, ministrei as aulas da Universidade, produzi encontros dos Projetos de extensão e pesquisa, fiz reuniões acolhedoras e participei de encontros remotos durante a pandemia da Covid-19 (2020, 2021, 2022). Entre tantos inusitados que temos vivido nestes tempos na Universidade e no Brasil: sentar-se à mesa virtualmente com bons convidados e abrir a casa diariamente para desconhecidos e alguns nada queridos. Você sorrirá muito com o que lhe disse ao iniciar esta escrita, com o que vou dizer também: as autoras que alcancei na prateleira, desta minha

mais recente A-morada, são referência pelas suas produções e vida, assim como você! Logo citarei alguns trechinhos delas com alguns conceitos em destaque. Você sorrirá larga, animada, divertidamente. Em nossas memórias você segue assim, sorridente. Na minha memória do coração esse é o seu retrato, com sorriso largo e brilho nos olhos. O sorriso por saber, nomear e afirmar a docência obra de arte que intencionou e colocou em ação para o mundo aproveitar. Uma docência obra de arte, construída com sorriso, inúmeros livros, salas cheias de estudantes surdas, pesquisadoras surdas, pessoas com e sem deficiência e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Uma docência obra de arte que me anima e que também ponho a jogar, apesar do tempo tenso de nossas vidas na Universidade. O sorriso que ao levar suas bancas importantes do cenário da educação nacional até o bar para um café, atravessava a Faculdade de Educação (FACED) cumprimentando e somando possibilidades. O sorriso que conquistei depois de você buscar por você mesma me conhecer, e não através do que tinham para falar de mim ou do que meu currículo não tinha. O sorriso que você me abriu, falando sobre a vida, coisas cotidianas, desafios, filhos, a FACED e seus bastidores. O sorriso para apresentar ou cumprimentar a “professora geringonça”. O sorriso também para contar sobre a dor que sentia naqueles dias, isso sentadas na portaria da FACED, enquanto você resguardava o prédio azul dos brincantes da Bienal do Jogo e Educação, no feriado do dia 20 de setembro de 2018. O seu sorriso para acolher, para destacar a parceria, para construir intimidade. Adri, com o seu sorriso consigo pensar como ele era, e como ele é muito diferente, especialmente diferente de como outros que sorriem e se mostram falsamente divertidos e brincalhões, quando na verdade são perversos e mau-caráter. Esses que sorriem para desprezar, ironizar, desdenhar, desrespeitar com falsidade, que simulam, por preconceito, por intolerância, por fascismo, por racismos, por misoginia, fazem piadas inadequadas

e não se preocupam mais em rir pelas costas ou publicamente. A inteligência de um sorriso e de uma palavra propositiva, sentimos muita falta. Adriana, seu potencial pessoal e profissional e seu poder criativo é muito forte e grande, e dura! O poder da formação, da educação, da educação de surdos, da educação bilíngue, do posicionamento, da dedicação, do compromisso, da proposição e da construção. O poder que você mobilizou com generosidade, afeto e ética, e que está também naquelas docentes que estiveram contigo compartilhando estudos e orientação. Especialmente em suas ex-orientandas percebo uma ética da composição, aquela que eu chamaria de ética viva, que não responde a uma moral, sobretudo, por ser ética aberta ao que se compõe, daquelas e daqueles que a compuseram, daquilo que se compõe junto com as experiências e afirmando a diferença. Talvez este seja um elogio para as ex-orientandas, que se compõem de ti, contigo, com tua docência. Talvez seja uma forma de afirmar a relevância da sua docência para aquilo tudo que dura, que durará. Esse pode ser um modo de orientar, um modo de ser orientadora que se aventura na composição de vidas, nas mudanças possíveis que cada um pode investir, tanto em si como em coletivos. Ainda sobre as autoras que colocarei no mesmo nível de poder que você, sugiro a leitura com vivacidade e vibração no gesto, pois todas vocês deixam marcas e produção para o patrimônio coletivo. Farei a leitura com vivacidade, para você, Adri. Não é possível que neguemos a sua autoria, que recuemos nas construções para a educação especial, a educação bilíngue e a Língua Brasileira de Sinais. Não nos amarrarão as mãos, não nos calaremos tampouco recuaremos. Sorrindo, sinalizando, acolhendo, reunindo, você segue muito presente, Adriana! Atrevo-me a uma escritapoesia para a referência na educação de surdos brasileira, Adriana Thoma. Uma escritapoesia com Lorde, hooks, Corazza, Rolnik e Woolf. Para destacar aquilo que Thoma nos ensinou, leu conosco, lecionou em suas aulas, traduziu em livros, teses, dissertações e inúmeros artigos: *Diferença, Amor,*

*Escrita, Livros, Barbárie*. Ofereço (e oferecerei adiante nesta docência da escritapoesia) uma escrita criativa, afetiva e poética, sobretudo, rigorosa. Uma escrita que tem necessidade dos encontros com sorriso, tais como os da Adri, que segue lendo com chimarrão, passeando entre bares e cafés. Uma escrita que segue lendo intensamente, para afirmar princípios, desejos e dar continuidade para o que importa, ainda que com muita saudade. Esta escrita encerra com alguns excertos, são trechos de livros lidos, citações que resultam de uma escolha minuciosa, de pinça, de olhar sensível e gesto afirmativo, são excertos que falam da Adri, do que ela gostaria que seguissemos lendo e estudando, ao menos é o que intuo ou invento agora. Esta escrita traz um presente, uma caixinha de livros para colocar ao lado dos seus preferidos, os seus exemplares, os seus livros, livros de sua autoria, da autora pesquisadora Adriana Thoma. Esta escrita traz uma caixinha aberta, com livros sublinhados, com autoras necessárias, como você, Adri. A pesquisadora que admirei, admiramos, admirável! Uma das educadoras especiais radicais que conheci, vivi, partilhei tempo e sonhos. Que a docência e a alteridade radical siga sendo lida, interpretada, comunicada, referida, referenciada, reportada, publicada e disseminada a partir do seu patrimônio científico, Adri! Que esta lista de autoras e de livros sigam arrumadinhos na prateleira do afeto literário de leitoras artesanadoras de palavras. Que esta lista de livros siga ao lado dos teus, Adri, que, sim, estão órfãos como sabemos, assim como todos os livros antigos e velhos, mas que são inquestionáveis em sua importância e duração.

## \* **BARBÁRIE**

Suely Rolnik<sup>13</sup> (2019, p. 99-100):

O planeta encontra-se hoje sob o impacto de forças vorazmente destrutivas – e nós com ele. Um mal-estar alastra-se por toda parte: são várias as sensações que nos lançam nesse estado. Uma perplexidade diante da tomada

13 ROLNIK, Suely. **Esfemas da insurreição**. Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

de poder mundial pelo regime capitalista em sua nova dobra - financeirizada e neoliberal -, que leva seu projeto colonial às últimas consequências, sua realização globalitária. Junto com a perplexidade diante desse fenômeno, somos tomados por um pavor diante de um outro, simultâneo, que contribui para o ar tóxico da paisagem ambiente: a ascensão de forças conservadoras, com tal nível de violência e barbárie que nos lembra, para ficarmos apenas nos exemplos mais recentes, os anos 1930 que antecederam a Segunda Guerra Mundial e, posteriormente, os anos de regimes ditatoriais que foram se dissolvendo ao longo dos anos 1980 (é o caso dos regimes militares da América do Sul e do governo totalitário da União Soviética, entre outros). É como se tais forças jamais tivessem desaparecido de fato, mas apenas feito um recuo estratégico à espreita de condições favoráveis para sua volta triunfal, retomando seu looping que parece nunca ter fim.

## \* DIFERENÇA

Audre Lorde<sup>14</sup> (2020, p. 45):

O abrigo da sua diferença é o anseio por maior poder e por uma vulnerabilidade mais profunda. É parte indelével do arsenal da vida. Se você permite que definam e imponham sua diferença, não importa qual, ela será definida em seu prejuízo, sempre, pois essa definição deve [ser] ditada pela necessidade e as necessidades humanas. No entanto, conforme você reconhece sua diferença e examina como deseja usá-la e para quê - o poder criativo da diferença examinada -, poderia focar um futuro em que cada um de nós deve se comprometer de alguma forma específica, se ele vier a acontecer.

## \* AMOR

bell hooks<sup>15</sup> (2019):

Imerso no comprometimento com a revolução feminista está o desafio de amar. O amor pode ser e é uma importante fonte de empoderamento quando lutamos para confrontar questões de sexo, raça e classe. Ao trabalharmos juntos para identificar e enfrentar nossas diferenças - enfrentar as maneiras como dominamos e somos dominados - e transformar nossas ações, precisamos de uma força de mediação que nos apoie para que não nos quebreemos no processo, não nos desesperemos (p. 69-70).

Quando mulheres e homens compreendem que o trabalho de acabar com a dominação patriarcal é uma luta enraizada no desejo de fazer um mundo onde todas as pessoas possam viver de forma completa e livre, então sabemos que nosso trabalho é um gesto de amor (p. 71).

14 LORDE, Audre. **Sou sua irmã**: escritos reunidos. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

15 hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

## \* ESCRITA

Sandra Mara Corazza<sup>16</sup> (2006, p. 35):

A escrita-artista é uma maneira de escrever, nem mais avançada ou progressista ou evoluída ou científica ou lógica ou natural ou erudita do que as outras escritas. Ela não sublima, não cura, não suspende a vontade, o desejo, o querer... Só que ela sabe rir, comover, mover pernas e asas...

## \* LIVROS

Virginia Woolf<sup>17</sup> (2017, p. 38-39):

Assim, pois, quando os moralistas nos perguntam o que ganhamos quando nossos olhos percorrem essa pilha de páginas impressas, podemos responder que estamos fazendo nossa parte como leitores no processo de colocar obras-primas no mundo. Estamos fazendo nossa parte na tarefa criativa - estamos estimulando, encorajando, rejeitando, mostrando nossa aprovação ou desaprovação; e estamos, assim, testando e incentivando o escritor. Esta é uma das razões para ler livros - estamos ajudando a trazer livros bons ao mundo e a tornar os ruins impossíveis.

16 CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

17 WOOLF, Virginia. **O sol e o peixe**. Prosas poéticas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

# Na casa da Adri...

*Liège Gemelli Kuchenbecker*

Muito difícil começar esta escrita... pois viver sem a nossa querida e amada Adri é ter uma lacuna em nossas vidas que nunca será preenchida... saudades e mais saudades sempre!!! Início dizendo que me sinto honrada em ter sido a primeira orientanda da Adri, juntamente com a colega e amiga Graci, no curso de Mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no ano de 2009. Nos conhecemos na UFRGS no ano anterior, em 2008, no curso *Memórias e Narrativas na Educação de Surdos*. Tive a alegria de reencontrá-la no curso de Doutorado em Educação na UFRGS, no ano de 2016, mais uma vez como sua orientanda. Em nosso convívio, penso que havia muito mais que uma relação de orientadora e orientanda, era um encontro de amigas e companheiras, além de me sentir parte de sua família. Foram anos



de convivência e admiração pela profissional que era, pela dedicação em tudo que se colocava à disposição. Sempre empenhada em realizar os seus projetos acadêmicos e de vida. Transbordava força para seguir em frente e lutar pelo sucesso e realização de toda as suas orientandas. Demonstrava orgulho de todas nós!!! Por onde andávamos com ela, nos apresentava com imensa alegria. Adri batalhou por cada uma de nós, suas orientandas.

Hoje me encontro como docente na Universidade de Brasília (UnB) como professora efetiva da Faculdade de Educação (FE), na área da Educação Inclusiva, graças a Adri, aos seus muitos ensinamentos. Quando tive a oportunidade/necessidade de mudar para Brasília em 2012, a Adri foi a primeira pessoa com quem conversei e ela imediatamente me incentivou, dizendo que eu “faria sucesso”, por causa do currículo construído e dos estudos e pesquisas desenvolvidas. E foi através deste aprendizado ao lado da Adri que ingressei como professora do magistério superior. A cada aula que ministro na Graduação no curso de Pedagogia, nas orientações de Trabalhos Finais de Curso, orientações de estudantes em Programa de Iniciação Científica (PIBIC), lembro com saudades da Adri, de suas aulas e conselhos. Sonho em ser um pouco do que a Adri foi como orientadora/pesquisadora/amiga/conselheira, com os meus orientandos.

Recentemente (2022/1) ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional para orientar um estudante surdocego, o primeiro a ingressar na Graduação e agora no Mestrado da UnB. Novos aprendizados para além da Libras, agora através da Língua de Sinais tátil e do Braille. Penso a cada orientação: o que a Adri me diria e orientaria neste meu novo desafio profissional/acadêmico? Acho que ela diria, “registre tudo, estude e vamos escrever um artigo sobre essa nova experiência”!

Enfim, pensamentos... que agora me atravessam ao escrever este texto...

Mas, falando agora de lugares que passamos e vivenciamos juntas, foram tantas situações inusitadas e até mesmo engraçadas, na sua casa, no seu carro, na sua sala na UFRGS, nas suas aulas, nos nossos almoços na FACED e entorno...

O meu ponto de chegada e saída com a Adri era sempre a sua casa, o seu cantinho no corredor da casa todo organizado e estruturado para nos receber sempre com aquele sorriso lindo, com muito amor e carinho segurando uma cuia de chimarrão.

Foram inúmeros encontros na sua casa durante nossos anos de convivência, mas que para mim foram poucos, somente 10 anos e que passaram muito rápido!!!

Com a Adri aprendi sobre a importância e a necessidade de realizarmos pesquisas na área da educação, no meu caso, na área da educação de surdos. Na sua casa havia sempre livros dispostos em sua estante, os quais nos emprestava com o maior prazer. Ela realmente gostava e se alegrava com a nossa presença em sua casa. Podíamos ter orientação até tarde da noite e ela não se importava em ficar conosco. As conversas eram infinitas e os ensinamentos também, sempre inspiradores. Quando eu já não sabia mais o que escrever ou produzir, bastava acontecer uma orientação com um chimarrão gostoso e com muitas risadas na sua casa, que tudo passava a fluir. A Adri compreendia o que “queríamos” dizer naquelas frases sem sentido muitas vezes e sempre nos impulsionava a seguir em frente quando tínhamos vontade de desistir.

Gostaria de relatar três episódios dos inúmeros que vivi em sua casa...

## EPISÓDIO 1 (2011)

Finalizei e defendi a minha dissertação de Mestrado. Adri me convidou para escrevermos um artigo sobre a minha dissertação e enviarmos para a ANPEd Nacional a qual aconteceria no Rio Grande do Norte, em outubro. Aceitei. Mas sempre tive dificuldades com a escrita, sendo acadêmica, as dificuldades e responsabilidades se ampliam. Foram muitas idas e vindas do texto até se transformar em um artigo acadêmico a ser enviado para a ANPEd. Me enrolei com o envio do texto, não era algo simples para mim. Era a minha primeira vez escrevendo e enviando um artigo.

Eram 23:30 quando bati à porta da Adri. Eu havia ligado para a sua casa e pedido ajuda com o manuseio da tecnologia. Mesmo sendo tarde da noite ela prontamente aceitou. Cheguei na portaria do prédio segurando o computador ligado e aberto no site do evento da ANPEd, vestindo calças de pijamas e pantufas; a Adri riu muito de mim. Em sua casa, conseguimos enviar o nosso artigo às 23:59, porém, infelizmente não foi aprovado. Mas, como já havíamos comprado as passagens viajamos mesmo assim para assistir a ANPEd Nacional. A Adri aproveitou para viajar e descansar com a sua família nos intervalos do evento e após o mesmo. Essa história ficou gravada em nossas lembranças e sempre ríamos cada vez que a recontávamos no decorrer do tempo. Mas a Adri não deixou o artigo perdido, assim que recebemos a negativa da Anped ela buscou uma revista científica, para ser finalmente publicado.

## EPISÓDIO 2 (2016)

Finalmente a reencontrei no ano de 2016, na sua casa novamente. Havia quatro anos que não nos víamos pessoalmente, estava residindo em Brasília desde 2012. Foi uma tarde inesquecível para

mim, pois estava reencontrando uma pessoa tão incrível e amiga e que novamente seria a minha orientadora, agora no Doutorado. Foram muitos risos sobre histórias de nossas vidas ocorridos nos anos que não nos encontramos pessoalmente. E ao mesmo tempo foi uma tarde de planejamentos futuros, um encontro de pesquisa. E ao final do encontro, aquela foto para registrar e guardar para sempre.

### EPISÓDIO 3 (2018)

Um dos nossos últimos encontros, foi durante a ANPED Sul. Na casa da Adri, após um dia repleto de atividades na UFRGS. Adri era incansável. Mesmo após um dia tão pesado de trabalho havia ânimo para conversar sobre diferentes assuntos. Nessa noite, brindamos com um vinho e mais uma vez registramos o dia especial que passamos na ANPEd Sul. Como disse a Adri naquela noite: “tudo valeu a pena”, todo esforço e dedicação para realizar o evento na UFRGS. Aquela noite nunca esquecerei. Adri me mostrou uma foto de um outro evento que ela estava à frente palestrando, para mais de 200 professores da rede pública de ensino, sobre o tema do ensino inclusivo. E, depois, me mostrou as inúmeras mensagens de carinho que recebeu desses professores, agradecendo a sua palestra. Adri disse: “isso é o que eu mais gosto de fazer, falar com os professores”.

Vou finalizar esta escrita com a fala da escritora Martha Medeiros em seu livro *Simples Assim* (2016, p. 92): “[...] O que importa é o nosso olhar e nosso foco: tudo é único. Cada coisa, cada pessoa, cada gesto, cada segundo é rico de significados e irreproduzível”.

Para mim era assim a nossa querida e amada Adri, ela valorizava tudo e todos a sua volta!!!

Gratidão!!!

The background is a soft watercolor wash in shades of yellow, orange, and light green. It features faint, artistic illustrations of a bird in flight at the top, a large green leaf at the bottom, and various smaller floral and leaf motifs scattered throughout. The overall aesthetic is gentle and nostalgic.

Parte

2

**Tempo  
e memórias**

o relógio marca sete horas e dez minutos  
falta algo no meio desses dias

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

# Sobre a roda, o tempo, a educação e a responsabilidade

*Cláudia Tapia Sikilero*

Tem dias que a gente se sente  
Como quem partiu ou morreu  
A gente estancou de repente  
Ou foi o mundo então que cresceu  
A gente quer ter voz ativa  
No nosso destino mandar  
Mas eis que chega a roda-viva  
E carrega o destino pra lá  
(BUARQUE, 1967<sup>18</sup>)

18 BUARQUE, Chico. **Roda Viva**. São Paulo: RGE, 1967. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45167/>. Acesso em: 4 maio 2022.

*Roda Viva*, canção de Chico Buarque, é um período político do nosso país. A música faz alusão ao golpe militar e ao constante anseio por mudança de uma classe desfavorecida que deseja dias melhores. *Roda Viva* ainda pode ser interpretada como um manifesto literário de uma época e como um clamor por uma ação de resistência. Resistências (plurais) essas sempre tão necessárias no campo estratégico das relações de poder e importantes para o exercício do pensamento crítico.

*Roda Viva* conclama o movimento do *tempo*. E mesmo que os giros dessa *roda* advenham de um manifesto do passado, igualmente se mostram ativos no pensamento do sujeito que não deseja esquecer, isto é, naquele que está embrenhado nos processos e nas lutas que atravessam, constituem e determinam as forças possíveis do conhecimento. (FOUCAULT, 1987<sup>19</sup>).

*Roda*

*Tempo*

*Educação*

*Responsabilidade*

Tantas palavras, variados contornos, alguma fundamentação, para simplesmente falar de saudade. Essa melodia do Chico Buarque; a noção do tempo que escapa; e as referências às relações de poder e a Foucault – tão mais complexas e estrangeiras antes do Mestrado remontam a uma saudade. A *roda* me traz de volta ao meu primeiro dia como aluna do programa de Pós-Graduação da UFRGS. Naquele dia, em 2014, no prédio da Faculdade de Educação, fui recebida amorosamente pela professora Adriana Thoma. Nesse encontro, a professora apresentava-se como

19 FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.



minha orientadora e, modestamente, confirmava o meu aceite para exercer tal função, isto porque eu ainda não a conhecia. A professora Adriana me avaliou e selecionou como sua orientanda na seleção de mestrado, ainda que eu houvesse sugerido outra professora para me acompanhar nesse desafio durante a seleção. Entretanto, a partir desse encontro, o que se sucedeu produziu afeto (SPINOZA, 2008<sup>20</sup>). Fui afetada não apenas pela simpatia de Adriana, sua maneira agitada de falar ou rápida de pensar, mas também pelos desafios do conhecimento que os preâmbulos da pesquisa me despertavam a contar desse dia.

“O *tempo* só anda de ida”<sup>21</sup>, nos dizia o poeta Manoel de Barros. E assim foi-se o *tempo* e permaneceram as memórias. Nos caminhos desse *tempo* inaugural da minha jornada acadêmica, confesso que me senti como que uma estrangeira. Lá estava eu, uma estudante de mestrado e professora da educação básica, com quase ou nenhuma intimidade com a Cultura Surda, em uma sala repleta de estudantes de mestrado e doutorado que, em sua grande maioria, ou eram surdos ou conhecedores da Língua Brasileira de Sinais. Entretanto, aprendi que a “viagem obriga quem viaja a sentir-se estrangeiro”, posicionando-o, ainda que temporariamente, como o outro “A viagem proporciona a experiência do não sentir-se em casa [...]” (SILVA, 2000, p. 88<sup>22</sup>).

De tal modo, paulatinamente, através da leitura das pesquisas dos integrantes do meu grupo, a professora Adriana e os meus colegas me guiaram nessa viagem pela apropriação de conceitos e de lutas da Cultura Surda. Ser orientanda da professora Adriana Thoma me deu o privilégio de integrar o grupo de pesquisa SINAIS,

20 SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

21 Trecho da entrevista realizada por Boscco Martins, no ano de 2007. Disponível em: <http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/ManoeldeBarros.htm>. Acesso em: 30 set. 2022.

22 SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

e, em que pese que eu não pesquisasse sobre educação especial, esse grupo pertencia àqueles estudiosos interessados nos Estudos Culturais – minha linha de pesquisa – e aos pesquisadores dedicados a olhar para a inclusão escolar e suas políticas tendo como ferramenta teórico-metodológica a noção de governamentalidade, biopolítica, biopoder e governo – conceitos que vieram a tornar-se valiosos às minhas pesquisas.

Confesso – um pouco envergonhada – que pouco aprendi da Língua Brasileira de Sinais; entretanto, desse *tempo* lembro com carinho, gratidão e saudade. Esse grupo de pesquisa formado pela professora Adriana Thoma me deu a oportunidade de refletir sobre os regimes de verdade da inclusão, da participação e da igualdade de acesso em nossa sociedade e, conseqüentemente, sobre as políticas públicas do nosso país. Nas palavras de Foucault (2010, p. 299)<sup>23</sup>, a “minha opinião é que nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso, o que não significa exatamente o mesmo que ruim. Se tudo é perigoso, então temos sempre algo a fazer”, e, dessa forma, nossa querida professora Adri, inspirada no pensamento de Foucault e em sua própria generosa sabedoria, nos ensinou que é preciso pensar de outros modos, que é preciso pesquisar, estudar, questionar o que é tomado como irrefutável e trazer a educação como uma pauta importante para a ordem do dia. Para Simons e Masschelein (2014, p. 135)<sup>24</sup>, a educação é arte de apresentar, “é a arte de fazer algo existir, a arte de dar autoridade a um pensamento, um número, uma letra, um gesto, um movimento ou uma ação e, nesse sentido, ela traz esse algo para a vida”. E é por meio dessa *educação* que convoca, apresenta (distante da neutralidade e com muito espaço para a interpelação) e acompanha que a professora Adriana será lembrada. Estivesse ela em um debate, em meio a sorrisos,

23 FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: RABINOW, P.; RABINOW, H. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. (Trad.) Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 296-314.

24 MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola: uma questão política*. Tradução de Cristina Antunes, 2. ed, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

com seus alunos e suas alunas e xícaras de café no Bar do Antônio, ou nas tardes de estudos em grupo em sua casa, ou na paciente mediação de uma estudante, tardes e tardes a fio, segurando sua mão na digitação das linhas finais de uma dissertação ou de uma tese. E, assim, retrocedo para a reta final da minha dissertação de mestrado, com a professora Adriana ao meu lado – genuinamente surpresa ou sinceramente motivadora – constatando a evolução da imersão conceitual em minha escrita e dizendo: “Com essa parte não te preocupa, isso é perfumaria, só perfumaria”.

Ademais, “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele” (ARENDDT, 1997, p. 247<sup>25</sup>). As recordações trazem muito sobre quem era a professora e pesquisadora Adriana Thoma, seu compromisso e *responsabilidade* com a educação e com todo o rigor acadêmico: publicações de artigos e de livros, assistência aos orientandos, participação em eventos, palestras, lutas políticas, viagens de trabalho e de estudo, participação em bancas de defesas de dissertações de mestrado e de teses de doutorado, além de ações que aproximassem a Universidade das escolas básicas; tantas tarefas e tantas *responsabilidades*, “mas eis que chega a roda-viva e carrega o destino pra lá”. E, com sua partida, sinto que a professora Adriana convoca a cada um e a cada uma que de alguma forma foi afetado por sua obra – de sabedoria ou de amizade – a viver nesse mundo ativo na *roda da vida*, sem deixar de refletir e indagar o *tempo*, seja ele passado, presente ou futuro, e a viver uma *educação de responsabilidade* para com aqueles que são estreadantes nesse mundo.

25 ARENDT, Hannah. A crise da educação. In: ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

Capítulo 10

# Para lembrar

*Emiliana Faria Rosa*

Esse poema deveria ser dançante,  
Poderia ser escrito numa mesa de bar ou académica.  
Tu moías o cérebro e a levedura se fosse preciso – literalmente.  
Esse poema deveria ter olhos observadores,  
Ter quentura de um abraço,  
“o melhor lugar do mundo é dentro de um abraço”<sup>26</sup>.  
Esse poema deveria ter palavras adequadas, ou não, a todos os momentos.

26 JOTA QUEST. **Dentro de um abraço**. Álbum: Funky Funky Boom Boom. Sony Music, 2013.

Esse poema deveria ter risadas, algumas lágrimas,  
(des)encontros, apoio e esperanças.  
Esse poema poderia ser escrito numa festa, numa sala de aula, num artigo.  
Esse poema foi escrito num livro recheado de lembranças, afagos e afetos.  
Esse poema é uma singela forma de dizer:  
- Obrigada por tanto e tudo, Adri!

Quando comecei a escrever para este texto, o que não me saía da cabeça eram as risadas e o último show que vimos juntas, o do Jota Quest. Depois de algumas lágrimas e lembranças, histórias divertidíssimas, como Adriana comemorar o aniversário num bar dançante (levando todo mundo junto), ou, ainda, histórias de apoio, prosas, oportunidades e esperanças. Adriana era o tipo de pessoa que a gente poderia encontrar numa roda, tanto nas salas de aula da FACED quanto de um bar da Cidade Baixa.

Era festeira, uma das primeiras a topar as festas na sala ou fora dela. Ela esteve no lançamento do meu primeiro livro de poesias. São pequenos detalhes, enormes momentos. De alguma forma, Adri permanece por ali, em cada um, em cada lugar pelo qual passou. Outro dia sonhei com ela. Adri sorria e estava na fila de embarque em um aeroporto. Vá querida, bons voos e luz no caminho, siga em paz.



Show do Jota Quest (2017)

**Fonte:** Acervo da autora.

Quando você se lembrar de mim  
Pensa que tudo vai ficar bem  
Segura firme, lembra de mim  
Quando você se lembrar de mim  
Dê o sorriso maior que houver  
Pensa que tudo valeu a pena sentir<sup>27</sup>

27 JOTA QUEST. **Pra quando você se lembrar de mim.** Álbum: Músicas para cantar junto I. Sony Music, 2015.

# **Túnel de tempo: as mãos e o grito...**

*Cláudio Mourão*

Na FACED/UFRGS, entrei no elevador.

Subi até o 9<sup>a</sup> andar.

Pelo corredor, com pouca ou quase nenhuma iluminação, percorro um túnel de tempo.

Escuro.

Posso ver as cenas.

Portas, quase todas, fechadas.

Silêncio.

Uma porta aberta.

Vejo a luz no chão.

Cores de um entardecer.

Entre o vermelho e o amarelo, ela, sentada, digita.

Passo.

Volto.

Paro.

Mãos no marco direito da porta.

Rosto, sem corpo, para dentro da sala.

Grito!

- Buuu!

Susto!

A senhora iluminada levou um susto, quase levantando da cadeira. Os cabelos na altura dos ombros, pareciam querer voar. O coração batia forte e rápido, era possível perceber. Ela disse algo, como: “Aiiiii Meus Deus!” ou algum palavrão. Não posso afirmar, nunca ouvi a sua voz, mas seu corpo, rosto, mãos e cabelo estavam gritantes. Imediatamente, eu sinalizei com sorriso: “Avisei, é bom ser surdo!”

Nos dias, dos tantos dias que seguiram, o contexto se mantinha, quase, imutável. Corredor com várias portas fechadas e a sua aberta e iluminada. Eu repetia o ritual, passava, voltava... Num determinado dia, coloquei minhas mãos na porta, do lado direito do marco, depois meu rosto sem corpo, enquanto ela, de forma iluminada, silenciosamente, digitava no computador, até que eu disse: “DESGRAÇADA!!!!” A senhora iluminada, demonstrou uma expressão de satisfação em ouvir a minha voz, como se ela amasse me ouvir falar. Eu não posso ouvir e nem noto diferença na voz dos outros. DES-GR-ÇA-DA! Como seria a minha voz?????

Para quem lê meu texto carinhoso para a senhora iluminada deve saber que cada vez que aparecer a palavra “desgraçada”, essa deve ser lida com um grito, por isso a caixa alta, e seguido de um



sorriso. Era assim que ela ocupava os nossos encontros. De forma leve, engraçada, afetuosa e íntima. Seja pela sonoridade da palavra, da minha voz, que como eu disse, não faço ideia de como sai, seja pela sensação que sempre nos causou, seja o motivo que for, quando dita novamente sempre terá a lembrança dela.

Então, quem é essa DESGRAÇADA? Ela é minha professora, militante da comunidade surda e inúmeros passos que sigo como aprendiz. Projetos, palestras, oficinas, aulas das disciplinas durante meus estudos de mestrado e doutorado, na linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro das minhas bancas de mestrado e doutorado. Autora de muitos textos e livros sobre nós surdos. Participei de atividades com ela na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Universidade Federal de Santa Maria, Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Universidade Federal de Pelotas. Fomos a vários eventos, inclusive no *X Congreso Latinoamericano y V Nacional de Educación Bilingüe para Personas Sordas*, no ano de 2010 em Santiago/Chile.

Nesse evento, em um momento, a equipe se dividiu para fazer um passeio. Cada grupo seguiu, fiquei confuso para onde ir e ela me chamou. Vivemos muito momentos, fomos a vários restaurantes, passeios em Santiago, muitas conversas com as mãos. Na praça, ela me puxou para tirar foto com ela. Ela chegou a interpretar algumas conversas e encontros nos passeios por Santiago, mas me disse: “Desculpe minha interpretação. Sou intérprete de língua de sinais, como os produtos falsos” (queria dizer palavra, mas aqui não). Era possível ver sua alma iluminada, disposta a ajudar como quem deseja compartilhar os conhecimentos conosco, empurrando cada um, com alegria de viver.

Os anos se passaram, até que recebi uma mensagem dela que dizia: “O quer dizer, colega, seja bem-vindo! Meus parabéns!”

O que significa isso? Significa meu ingresso como professor do magistério superior da Faculdade de Educação da UFRGS. Ainda estava na sala do concurso, o resultado havia sido publicado fazia alguns minutos, mas sua mensagem já chegava no meu celular. Era 2014, ao tomar posse e atuar junto dela e da sua equipe, sentia que a UFRGS era como a minha segunda casa e me sentia acolhido, naquele momento, em uma família. Há inúmeras cenas no túnel de tempo “UFRGS”, São marcas que ficaram para sempre nos meus olhos, minhas mãos e no meu coração. Escolhi duas para compartilhar aqui: (1) o vestibular especial da UFRGS; e (2) Sarau Arte de Sinalizar.

Sobre o vestibular, atuei em dupla, eu e ela, como Coordenadores do Vestibular Especial na UFRGS, e confesso que tive medo. Era minha primeira experiência como coordenador, mas ela estimulou e disse: “Me acompanha!” Aprendi muito enquanto ela coordenava. Subia e descia as escadas (tinha elevador!?), caminhava pelos corredores do prédio. Assinava documentos, informava as pessoas. Eu aprendi tanto com ela, aprendi tanto que nem podia imaginar, mas já estava coordenando. Eu podia me dizer coordenador, eu posso mais.

A segunda cena é sobre o Sarau Arte de Sinalizar. No meu coração, nesse órgão muscular, há cicatriz, uma inscrição, enquanto bombeia o sangue na minha veia nas minhas mãos que não saia do lugar. O motivo dessa cicatriz? A noite de 24 de abril de 2017. Ela estava sentada na mesa com as colegas Lilliane Giordani e Lodenir Karnopp, eram as minhas convidadas. Assistiram as apresentações que ocorriam no palco do evento cultural que eu coordenava, o *Sarau Arte de Sinalizar: narrativa, humor e poesia*, em um bar na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Tratava-se de uma atividade do Projeto de Extensão Arte de Sinalizar – UFRGS. Estavam presentes inúmeros artistas surdos brasileiros e a casa noturna estava lotada com as mãos, teve até fila de es-

pera na porta. No evento, meu primeiro projeto cultural, no final da noite, ela me procurou para se despedir e dizer, sinalizando: “Você pode fazer um grande festival”. Esses sinais me marcaram, como uma cicatriz escrita no meu coração. Nem sabia o que sinalizar. Não tenho como descrever.

Não tenho como explicar as cenas no túnel de tempo da UFRGS e a vida. Posso ver seu amor pelas leituras, seu vício pelo conhecimento, o prazer no desenvolvimento das atividades docente e nas orientações. Um exemplo para nós! Com ela, na UFRGS, trabalhamos em inúmeros projetos, reuniões, palestras e até brincadeiras. Conexão de almas, uma alma iluminada. Alguém com alegria de viver e disposta a ajudar qualquer um. Nossos encontros foram marcados por muitas surpresas. Gritos e cabelos arrepiados. Sorrisos, uma porta iluminada e a minha afirmação do quanto é bom ser surdo.

Essa DESGRAÇADA, se chama Adriana Thoma, e estará, eternamente, em meu coração.

# Boas lembranças de Adriana Thoma

*Ana Luiza Caldas*

Conhecia a Adriana<sup>28</sup> de longa data, não recordo o ano de forma precisa, mas ela realizava os estudos de mestrado e doutorado. Eu a acompanhava de longe, mas via nela a vontade, um sonho de ver os surdos lutando e crescendo. Ela participava das atividades da Federal Nacional de Integração e Educação dos Surdos – FENEIS, ajudava demais e acreditava na importância da comunidade surda, na qual, surdos e ouvintes, por meio da língua de sinais, se comunicavam. Adriana via a comunidade com um povo, um povo que ela estimulava, incentivava dizendo: “Vocês precisam estudar, precisam se desenvolver cada vez mais”.

28 Texto produzido em Língua Brasileira de Sinais e traduzido para Língua Portuguesa por Luciane Bresciani Lopes.

Na época eu estava no mestrado e ela se admirou com a minha pesquisa sobre arte. Realizou um contato com uma colega da Universidade de Santa Cruz – UNISC para tratar da minha pesquisa e sempre me incentivou quanto às publicações.

Ela nunca pensou numa caminhada solitária, ele sonhava com todos caminhando junto com ela.

Lembro do projeto de extensão sobre memórias e narrativas docentes sobre a Educação de Surdos. Professores de diferentes escolas de surdos de Porto Alegre e Região Metropolitana em encontros de diálogos na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS. Professores surdos e ouvintes compartilhando a mesma língua, a língua de sinais. Relembrando histórias e eventos da Educação de Surdos.

Nesse projeto sorteamos os nomes das pessoas para as quais deveríamos escrever nossas cartas. Nas cartas compartilhamos histórias, lembranças e experiências. Recordo que escrevi uma carta para uma colega que atuava com a Educação de Jovens e Adultos, local onde atuei e desenvolvi parte das minhas atividades docentes. Conte sobre minha trajetória na carta que escrevi e Adriana me pediu para compartilhar com os colegas. Contudo, destaco o trecho da carta que ela escreveu para mim contando sobre como foi “capturada pela educação de surdos”, mas gostaria de compartilhar sobre a generosidade delas, nas palavras dela:

*Em 2006, fui chamada em um concurso da prefeitura [de Porto Alegre] e nomeada para trabalhar no CMET Paulo Freire, onde fiquei por 2 anos, até ser nomeada na UFRGS. Para assumir na UFRGS, precisei sair do município e da UNISC. Desses dois lugares guardo muitas lembranças boas. Neles aprendi muito sobre a educação em geral e a educação de surdos, em particular do CMET, sai feliz porque sabia que você seria chamada para assumir. Você deve lembrar que foram dias de grande expectativa, tanto para você como para mim e para toda a escola, que queria muito da tua entrada lá (Adriana da Silva Thoma, 2008).*

São boas lembranças. Lembrar da Adriana é lembrar de um olhar para todos, de alguém que olhava de um jeito diferente para

cada um. Adriana sempre enxergava o valor de cada pessoa e acreditava na importância da Educação de Surdos.

Encontrávamo-nos pouco, às vezes nas reuniões do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos – GIPES, mas quando ingressei como docente da FAGED/UFRGS ela ficou muito feliz. Realizei uma disciplina no Programa de Educação Continuada do Programa de Pós-Graduação em Educação – PEC/PPGEDU. Na disciplina, com uma perspectiva foucaultiana, difícil de compreender conceitualmente, vivenciamos um período de greve dos servidores da Universidade e ficamos sem intérpretes de língua de sinais.

Adriana, preocupada com os alunos surdos, passou a ministrar suas aulas em Libras. Que aulas! Eu conseguia entender Foucault pela sinalização dela. No final do semestre, depois da entrega da atividade final, recebi meu trabalho corrigido por ela, com a seguinte mensagem: “Querida colega Ana Luiza, estou feliz em ver você se esforçando para ler e escrever mais textos acadêmicos. Você consegue! Beijos e abraços”.

Ela sempre me fez acreditar na minha competência enquanto professora e pesquisadora. Me convidou para atuar em eventos, como a Feira do Livro de Porto Alegre, quando falei sobre arte e filosofia para crianças.

Lembrar da Adriana é sempre bom, sinto falta e sou grata. Nunca poderei esquecer, seguirá em meu coração. Sua partida marcou muito, marcou pela forma como o ciclo se fechou. Sigo aprendendo com ela, pelo apoio à comunidade surda. Adriana sempre sonhou com a integração e relação entre surdos e ouvintes, através da língua de sinais, assim como eu.

# **Carta para Adri:** lembranças de nós duas

*Ingrid Ertel Stürmer*

Oi, Adri!

Hoje, estou aqui escrevendo para lembrar um pouco da nossa trajetória juntas... Você nem imagina há quanto tempo já está me acompanhando, muito antes de eu ser sua orientanda no Mestrado!

A primeira vez que lhe vi foi em uma formação para os professores da rede estadual do RS em Porto Alegre, a mesma aconteceu em um Hotel. Não lembro bem o ano, mas foi por volta de 2003. Nessa vez vi seu marido lhe buscar junto com as crianças, que ainda eram pequeninhas. Lembro o quanto simpatizei contigo, o quanto foi relevante lhe ouvir.

Após esse período lhe via em eventos (inclusive nos Encontros de Escolas de Surdos). Lia seus artigos e capítulos de livros... Até que ingressei na graduação em Letras Libras, em 2008, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no polo Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Durante o curso, você foi a vice coordenadora e, por um período, foi a coordenadora. Você sempre participando e atuando em tantas frentes!

Foi nessa época que comecei a me aproximar um pouco mais. Lembro do almoço de Natal do Letras Libras. Do dia da defesa do trabalho de conclusão do curso. De trabalhar junto no vestibular da UFRGS... Ainda, nesse período, em 2009, você e a Madalena me convidaram para participar da escrita do livro *Currículo e Avaliação: a diferença surda na escola*, um livro com autorias e temáticas significativas muito bem alinhadas por vocês.

Em 2011, me inscrevi como aluna especial na disciplina Seminário Especial *Memórias, Narrativas e Experiências na Educação de Surdos*, que você estava ofertando pelo Programa de Educação Continuada (PEC), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da UFRGS. Essa já era a segunda edição da disciplina e a sistemática consistiu na escrita de cartas a colegas contando a experiência e formação na área da educação de surdos. Uma das frases que tenho anotada, que você disse em uma das aulas: “O pesquisador é como um analista, ou seja, ajuda os sujeitos e instituições a perceberem as suas questões”. Essa frase foi uma orientação primordial para que eu começasse a entender como pesquisar nos Estudos Culturais de forma compromissada, imparcial, com dados que possibilitassem outros olhares e mudanças de paradigmas.

No mesmo ano de conclusão do Letras Libras, em 2012, me inscrevi no PPGEDU para uma das vagas de Mestrado que você estava ofertando. Resumindo: eu lhe escolhi e você me escolheu. Dali em diante, sim, foi maior contato e maior intimidade! Você chegava



à Faculdade de Educação (FACED) sempre a mil por hora... Nas aulas e no grupo de pesquisa Sujeitos, Inclusão, Narrativas, Identidades, Alteridades e Subjetividades (SINAIS) – do qual me orgulhava muito em fazer parte – tenho anotadas e hoje retomo as frases e expressões mais faladas por você: “Aquilo pelo que se luta são os discursos”, “Condições de acontecimento, condições de emergência”, “Quanto mais circulam os enunciados, mais entram na ordem do verdadeiro”, “O sujeito é um efeito dos discursos dos textos, das representações, enunciações, dos modos de subjetivação”. Elas só afirmam o que implicava olhar a pesquisa pelas lentes dos Estudos Foucaultianos e que você sempre quis deixar claro para suas orientandas: que a história passada está atrelada aos fatos presentes, que somos constituídos pelos discursos, que nada é escrito ou dito sem uma intencionalidade. Seus ensinamentos modificaram minha maneira de pensar, de ler, de escrever, de ensinar.

Ao longo do percurso no Mestrado, participamos em diferentes eventos e, um deles, em 2015, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nacional, em Florianópolis, no qual apresentamos e publicamos. Lembro do seu orgulho por nosso artigo ter sido selecionado, principalmente, por ser um evento mais seletivo em suas publicações. Ainda hoje nossa escrita é referenciada em publicações. Mas, para além dos momentos acadêmicos, aproveitávamos barzinhos à noite e até mesmo fomos juntas a um Show do Lulu Santos.

Estão nas lembranças e no coração, as orientações na FACED e na sua casa, que aconteciam na sala ou no seu escritório. Quando estávamos na sala, você ficava um pouco na cozinha preparando seu chimarrão e, enquanto isso, conversávamos de assuntos diversos. Algumas das vezes eu participava do almoço em família e eu me sentia, de verdade, parte da família. Lembro com carinho, também, da “família da Libras” da UFRGS: você, Lodi, orientandas,

intérpretes, bolsistas, e outros tantos mais, nas festas de final de ano com amigo secreto.

As orientações e o percurso da dissertação ficaram mais leves, pois você permitia uma liberdade para escrita, nada autoritária, com mínimas intervenções na autoria. Lembro do grifado em vermelho (suas observações), do que estava tachado (para eu retirar) dos grifados em azul (o que era para eu acrescentar) e eu anotava tudinho que você me falava. Ter-lhe como orientadora foi, literalmente, fazer parte da sua vida, da sua família. Inclusive, eu e suas demais orientandas, na época, fomos ao aniversário de 15 anos da Marina. Festa linda e emocionante!

Enfim... Recordar de você é pensar no avanço das relações, dos papéis: Adri palestrante, Adri coordenadora, Adri “profe”, Adri orientadora, Adri amiga... e foi assim com quase todos, se não com todos! Recordar de você é pensar em: dinamismo, inquietude, constante movimento e aprendizado, diferentes momentos e espaços, em alegria, humildade, afetividade!

Como foi possível ler nessa carta, já se passaram cerca de 20 anos que acompanho sua trajetória – na Educação de Surdos, Estudos Culturais, Estudos Foucaultianos e seguiu para muito além da academia. Saiba que essa trajetória não findou! Continuamos, eu e suas ex-orientandas, em nossas lutas diárias na educação de surdos e na educação inclusiva como professoras, pesquisadoras, autoras e hoje aqui, escrevendo para você. Você continua comigo a cada orientação que faço (em que utilizo o mesmo estilo de correção que você fazia); em cada escrita, em cada evento, até mesmo em shows!

Ahh, quanta saudade... Até a próxima, Querida Adri!

# Adriana, sorriso e presença sempre!

*Carolina Hessel Silveira*

Em 1998...

Foi caminhando pelo corredor leste no oitavo andar na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que cheguei na porta que era sala de Nuppes. Ela abriu a porta, e foi quando encontrei pela primeira vez a Adriana Thoma. Fomos apresentando nossos sinais de batismo e ela sinalizou dedo indicador na volta da boca 🙄. Tentou explicar que não era professora da área de oralização.

Durante todo nosso convívio, foram diversas histórias, difícil selecionar uma ou duas. Adriana sempre esteve presente em vários lugares, muitos. Quando estava ausente, era meio estranho e

perguntávamos com cara de dúvidas: “Adriana? Não vem?” Era nosso costume saber que ela sempre estava presente!

Qualquer evento, festa, oficina ou curso, nós, surdos, sempre lembrávamos e sinalizávamos: 🗣️👂 “(Adriana)? Vamos convidar! Com certeza ela vai!” Tudo para ela era importante. Por exemplo, Adriana fez curso da escrita de sinais na PUC em 2000. A pesquisa da escrita de sinais era recente, mas ela já estava naquele curso.

Pensando em qual história eu podia contar, escolhi uma e apresento aqui. Era uma viagem à UNISC – Santa Cruz do Sul, onde ela trabalhava. Era um curso de formação que eu fazia. Teve um momento de busca da hospedagem para próximas aulas, Adriana, sempre pronta a ajudar, foi conosco (eu e uma colega, também surda) Na procura encontramos uma casa com um quarto para alugar e Adriana foi interpretando para a proprietária. Mas a senhora não acreditou que nós éramos surdas e estudávamos na UNISC! Adriana ficou espantada e sinalizou para nós: “morri de vergonha, mas ela não acreditou que vocês são surdas. Deixa eu explicar para ela” Nós rimos porque a senhora não tinha acreditado. Depois disto, fomos recusadas para alugar o quarto e Adriana se desculpou: “Aqui na cidade tem algum preconceito”, respondi: “Não se preocupe, já estamos acostumadas. Só achei engraçado que a senhora nem acreditou”.

Em resumo. Com qualquer clima – sol, chuvarada, calorão, frio, trovoadas, vendaval, Adriana sempre estava presente, arrumada, simpática e sorridente! Não só em eventos da faculdade, mas também em momentos da vida pessoal, como no chá de fraldas do meu filho, até no aniversário dos meus 40 anos na véspera de Natal (como seria difícil estar presente em uma véspera de Natal, pois a maioria viaja por recesso de Natal e Reveillon). Às vezes, com o celular colado no rosto e ombro e sinalizando ao mesmo tempo: “Quero conversar com você. Tenho novidade interessante/importante”.

Em 2018...

Nosso último encontro, na FACED, foi na sala número 805. Era meio-dia, encontrei Adriana na mesa onde ela sentava, bem em frente à minha mesa. Foi uma longa e gostosa conversa, pouco antes da eleição presidencial de 2018, que foi o nosso assunto. Mas ela precisava sair, levantou-se e foi para corredor oeste.

Ficaram muitas lembranças boas da Adriana!

E ela foi sempre presente, amiga e importante para a comunidade surda!



Festa Junina na sala 805 da Faculdade de Educação (2017)

**Fonte:** Acervo da autora.

The background is a soft watercolor illustration. It features a large, stylized number '3' in a dark red color. The background is a mix of warm yellow and orange tones, with a large green leafy shape at the bottom. There are several small, delicate floral elements and a bird in flight scattered throughout the scene.

Parte

3

**Ética  
e afeto**

meu recado às mulheres  
contem suas história

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

# A ética da amizade de uma orientadora

*Graciele Marjana Kraemer*

Adriana da Silva Thoma, mulher, mãe, esposa, professora, pesquisadora, orientadora e ativista de formas de vida ética e esteticamente Outras. A vida em seu percurso deixa marcas inesquecíveis, vestígios e memórias afetuosas de momentos e de vivências com aqueles que partilhamos afirmações políticas a partir de uma ética da amizade. Nessa condição, retomar experiências e afetos, em dado momento, constitui-se em um rememorar do vivido, um movimento que, para determinadas escritas, torna-se nostálgico, especificamente pela saudade da ausência.

Escrever acerca da ética da amizade, implica compreender um processo que marca espaços, tempos, práticas e afetos do vivido. Muito além disso, a ética da amizade está implicada com um compromisso de vida, ou quem sabe, um compromisso



concretizado para além da vida. Trata-se daquilo que se aprende e se compreende no cotidiano, na aula, na escrita, na convocação para a afirmação do ativismo social e político.

E lembrar da Adriana – a partir da ética da amizade – faz rememorar um compromisso pautado no ativismo político. Trata-se de um ativismo que “implica tanto uma atitude de verdade e coerência consigo mesmo e nas relações que mantém com os outros, quanto a sua permanente reflexão e contínuos reajustamentos que devem proceder em razão de um ininterrupto cotejamento entre os seus pensamentos e as suas ações” (VEIGA-NETO, 2012, p. 273<sup>29</sup>). Na afirmação política do direito de todos à educação de qualidade, o ativismo que Adriana mobilizou, encontra-se implicado com “um cotejamento que se dá pelo rebatimento constante entre o que é possível pensar e dizer sobre cada situação e o que é possível fazer com ela, contra ela, a favor dela, etc.” (VEIGA-NETO, 2012, p. 273).

A partir daquilo que determinadas práticas produzem – o desdobramento analítico acerca da inclusão escolar de alunos com deficiência – passa a ser investido pela Adriana da Silva Thoma de um posicionamento ativista. Esse posicionamento encontra-se implicado com o rigor acadêmico e conceitual, aciona determinadas lentes teóricas, institui suspeitas analíticas e faz reverberar discursos que mobilizam outras formas de vida aos sujeitos com deficiência.

Adriana em sua prática, mobilizou formas de ler e compreender o mundo. Estas pouco poderiam distanciar-se de sua própria postura intelectual, uma vez que, como ativista, Adriana fez reverberar dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), um núcleo específico para a promoção da inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior. Olhar para grupos minoritários,

29 VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. *Revista Brasileira de Educação*, [S. l.], v. 17, n. 50, p. 267-282, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/tqdg7b3B787cXjdYvSfLhxx/?lang-pt> Acesso em: 14 mar. 2022.

tensionar políticas e práticas, constituiu uma docente e pesquisadora atenta ao contexto histórico e político que marcaram as reivindicações das pessoas com deficiência. Adriana reiteradamente afirmava – é preciso desconfiar e olhar com cautela ao que vem sendo produzido – isso a fez mobilizar tensionamentos comprometidos com a justiça social. Uma ativista que faz repercutir, em território nacional, a urgência de uma política linguística que contemple aspectos culturais e identitários dos sujeitos surdos. Uma ativista que tensiona a política de inclusão escolar do Brasil a partir da lente analítica do pós-estruturalismo. Uma ativista que mobiliza pesquisas inscritas em determinados campos de saber – Educação, Política, Linguística, Cultura – para compreender a configuração política e econômica da sociedade contemporânea.

Nesse empreendimento de vida, Adriana promove uma determinada ética da amizade. Acionada pelo compromisso coletivo, pela reciprocidade afetiva, pela afirmação política da diferença e pela consolidação de processos e práticas culturais específicas – a ética da amizade é um princípio de vida. Como tal, mobiliza um compromisso com aqueles que historicamente sofrem processos de discriminação negativa, ou seja, aqueles que, a partir de suas próprias marcas, são segregados e inscritos em determinados estereótipos: ineficiência, incapacidade, dificuldade, (a)normalidade, entre outros.

Adriana – enquanto ativista – mobiliza naqueles que com ela convivem, formas de resistência ao imperativo da performance. Ela cria possibilidades de ruptura ao que está dado, faz reverberar saberes e práticas que acionam possibilidades distintas de vida e de configuração política. Uma orientadora que faz olhar para além daquilo que parece dado e/ou inquestionável.

Risonha e cética simultaneamente, Adriana é uma docente/orientadora que rompe paradigmas e faz emergir possibilidades

distintas de estar no mundo com os Outros. Mobiliza formas políticas de afirmação da Diferença e de ressignificação da normalidade. Atenta aos deslocamentos históricos nas práticas operadas com as pessoas com deficiência, assume o compromisso político e analítico de tensionar regimes de verdade.

Imprime uma estética de existência que se importa menos com a afirmação de uma identidade fixa ou de regimes de verdade instituídos acerca de determinados sujeitos. Uma estética da existência que subverte o determinismo em face da invenção, da problematização e da criação. Adriana da Silva Thoma, a partir de Michel Foucault, desenvolve projetos que objetivam a análise de “discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade” (VEIGA-NETO, 1999, p. 7<sup>30</sup>).

Adriana propõe novas formas de se relacionar, de viver, de compreender corpos e subjetividades. Trata-se de uma estética da existência que está implicada com a constituição ética que Adriana assume, ou seja, formas de vida onde o valor moral não resulta da conformidade com um código de comportamentos, mas de determinados princípios formais e gerais no uso dos prazeres, na distribuição que se faz deles, nos limites que se observa na hierarquia que se respeita (FOUCAULT, 1984<sup>31</sup>).

Adriana em seu legado profissional e de vida significa uma ética da amizade de uma Orientadora, daquela que acolhe e mobiliza outras formas de pensar e de se conduzir no mundo. Grata, querida Adriana, pela possibilidade de aprender outras possibilidades de significar a vida.

30 VEIGA-NETO, Alfredo. **Educação e governamentalidade neoliberal**: novos dispositivos, novas subjetividades. Rio de Janeiro: Nau1999, p. 1-21.

31 FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2**. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.

# **Orientador, coorientadora e orientanda:** a tríade de uma história de vida para a vida

*Cláudio José de Oliveira*

*Paula Xavier Scremin*

A escrita deste texto será incompleta. Incompleta no sentido de não conseguirmos mensurar em palavras os sentimentos que aqui estarão investidos, ao narrar as vivências que tivemos com a professora Adriana.

Ela se tornou presença na nossa caminhada acadêmica, como colega de instituição. Construimos parcerias, unidos por amizade, produções, orientações e interesses na temática dos Estudos Surdos. A transição de uma ideia de vida para morte, dada a presença de vida constante num período temporal, até o ano de 2018, registrada em publicações, fotografias, lembranças, é forte demais para crermos na morte. Na impotência de nomear ou

narrar em palavras, minuciosamente, a experiência vivida, estaremos expressando fragmentos desta parceria acadêmica, que uniu três personagens distintos para uma história. Na tentativa de escrever, faltam palavras para este início. Rememorar o começo de uma amizade e parceria é um misto de saudade, tristeza e alegria.

A saudade marcada pela ausência física, a tristeza pela impossibilidade de novos encontros, e a alegria estão na lembrança do vivido, dos afetos, das risadas, das boas conversas e da possibilidade de continuidade da amizade proporcionada por ela. Novamente unidos em um novo encontro, agora sem a sua contribuição para as escolhas das histórias a serem contadas. Este capítulo fala da relação entre orientador, coorientadora e orientanda e do acontecimento desse encontro que se transformou em amizade, para além do espaço físico da instituição e do tempo cronológico delimitado pelo convívio.

O meu encontro com a professora Adriana ocorreu, primeiramente, no Curso de Pedagogia e, posteriormente, retomei a convivência no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU), na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Colega de todas as horas, sempre disponível para auxiliar no que era possível. Formamos uma parceria na orientação e coorientação de estudantes surdos e ouvintes interessados na temática, que buscavam o PPGEDU na realização de seus estudos; em publicações conjuntas; parcerias em bancas; e muitas conversas nos intervalos, reuniões de colegiado e planejamento de trabalhos. Uma parte da formação que foi realizada no grupo de pesquisa coordenado pela Adriana, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e outra no grupo Identidade e Diferença na Educação da UNISC. Adriana, no seu rigor de pesquisadora, suavidade da fala e contagioso sorriso, conseguia mobilizar cada um e cada uma que estava ao seu redor.

Na entrevista com a candidata, realizada por mim, a aluna apresentou interesse em pesquisar na área dos estudos surdos e,

assim, foi feito o vínculo da Adriana como professora visitante na instituição. Sendo assim, na condição de orientador e com a participação da Adriana como coorientadora, tive a experiência de orientar uma pesquisa de mestrado na temática dos estudos surdos, onde aproximamos a convivência nas parcerias em trabalhos e em uma bela amizade, como já citado anteriormente. A estudante interessada já conhecia a professora Adriana desde o ano de 2006, quando participou do Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*, Especialização em Educação de Surdos, promovido pela UNISC. Foi uma oportunidade de atualização para os professores da Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Coser, na cidade de Santa Maria, RS.

Lembro-me na entrevista quando a aluna comentava sobre a primeira disciplina do curso *Representações sobre os surdos e surdez* ministrada pela professora Adriana. Hoje quando retomamos o assunto perguntei-lhe sobre a motivação por buscar a UNISC e a professora em especial. Segundo a orientanda

Esta disciplina representou um divisor na minha trajetória de estudante e, estar perto da professora na experiência do mestrado, esta que havia proporcionando a mudança de pensar o sujeito surdo, foi algo muito significativo para minha vida pessoal e acadêmica. A minha admiração iniciou na época, durante o curso, e a nossa amizade emergiu da convivência dividida entre as aulas nos finais de semanas, as caronas entre o hotel e o curso e as idas à rodoviária, depois das aulas, que permitiram trocas e conversas para além da formalidade de professora e aluna. Ao longo dos encontros íamos nos aproximando, descobrindo afinidades e amigos em comum, que facilitaram a nossa convivência.

A proximidade com a professora Adriana durante o período na UNISC, PPGE Mestrado, propiciou momentos de importantes problematizações no campo dos estudos surdos na minha vida enquanto pesquisador, em uma área relativamente nova para mim, visto que venho da licenciatura em matemática, e também para a minha orientanda que adentrava no campo dos Estudos Culturais e Estudos Surdos. Destes meus encontros com a temática, surgiram outras pesquisas interessantes sobre surdos e docência, em parceria com pesquisadores surdos e ouvintes que agregaram ao nosso

grupo. A cada temática problematizada emergiram mudanças na minha constituição de professor orientador e aconteciam nas relações, principalmente em situações com esta orientanda.

O convívio e a aproximação com a cultura e as concepções sobre os sujeitos surdos e sobre os filhos de surdos, entendi que eles também são atravessados pelos discursos e representações sobre os surdos e a surdez de seus pais, o que compunha a realidade desta aluna, e aparecia constantemente nas orientações. As situações produziam em mim outros entendimentos e interesses sobre a cultura surda, visualidades e língua de sinais.

Ao longo do convívio, surgiram situações nos caminhos da nossa pesquisa que deram outros encaminhamentos e marcaram a continuidade da nossa parceria, nos mantendo em contato pelos anos seguintes. Uma das situações importantes foi na defesa do projeto de qualificação da dissertação pela minha orientanda intitulada *A formação dos professores surdos: verdades produzidas na revista espaço*, defendida no ano de 2012, que teve a participação da professora Adriana como banca avaliadora e, a partir deste momento, a sua efetiva contribuição como professora coorientadora da pesquisa. No momento do processo avaliativo, quando a pesquisadora defendia sua proposta de dissertação, lembro que fiz um comentário discretamente à professora Adriana, referente à forma de apresentação oral da pesquisadora, comparada ao que estava escrito no projeto. Disse-lhe: “Ela fala melhor do que escreve!”. A professora, então, me respondeu com um ar esclarecedor e seu sorriso afetuoso, dizendo: “Sim, porque ela é Coda!”.

A resposta dada não havia contemplado a minha dúvida sobre a pequena palavra Coda e esta permaneceu. Passado o momento da formalidade acadêmica, no momento das conversas e cumprimentos, fui abordado pela orientanda com a pergunta: “O que a professora lhe respondeu sobre o que eu sou, mesmo”? A pergunta,

tanto quanto a minha resposta a ela, me deixaram mais confuso. Como ela sabia o que havíamos conversado? E eu, sem pensar sobre, logo repeti o que a Adriana havia me dito: “É porque você é Coda!”. A insegurança ao perguntar o que seria Coda? O que aquela pequena palavra significava no contexto avaliativo do projeto, dizia sobre a aluna? Então, conversamos muito sobre o que é ser Coda e Adriana nos apresentou um breve contexto. O termo Coda é um acrônimo da expressão americana que significa *Children of Deaf Adults*, são filhos de pais surdos. Refere-se aos sujeitos naturalmente expostos aos dois mundos, o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes. Os Codas são bilíngues, compartilham a experiência de crescerem em famílias que utilizam uma língua visual ou de herança na família e é, muitas vezes, diferente daquela utilizada fora do ambiente familiar, na maioria da sociedade, a língua oral. Transitam desde muito cedo nesses dois mundos e aprendem as duas línguas, vivenciando, simultaneamente, as duas culturas.

O encontro teórico com Codas, a partir dos estudos surdos, enquanto pesquisador e orientador, foi considerado muito potente para pensar questões de pesquisa-orientação e a educação dentro dos referenciais teóricos dos Estudos Culturais. No que tange ao acontecimento e ao encontro entre nós três, fez com que nos aproximássemos do conceito de experiência cunhado por Larrosa (2002)<sup>32</sup> que nos disse que a experiência remete a algo que nos passa e que nos acontece, e aqui proponho pensá-la a partir do par experiência/sentido. Aconteceu um encontro dessa aluna com a professora Adriana que, pelas palavras: “Sim porque ela é Coda!”, fez emergir sentido em outro modo de identificar-se, narrar-se no mundo.

Juntos, nós três começamos a endereçar leituras para textos, produções e pensar sobre o conceito da experiência, que segundo

32 LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação* [online], 2002, n. 19, p. 20-28. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 30 set. 2022.



Larrosa (2002) acontece, se opõe à pressa, ao trabalho, à informação e à opinião. E foi neste contexto, sem pressa, buscando conhecer sobre os nossos modos de vida que as nossas histórias foram se construindo, entrecruzando, ganhando força e sentidos. Para a orientanda teve outro sentindo ao problematizar as palavras ditas por mim e pela Adriana, “[...] palavras criam sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (LARROSA, 2002, p. 21). Segundo esse autor, nós pensamos por palavras, é através delas que damos sentido ao que fazemos e ao que somos, e isso aconteceu comigo! Demorei muito tempo para significar o que ser Coda representa para mim. Conheci, a partir da Adriana, outros Coda que me ajudaram a compreender que as experiências surdas e ouvintes que tenho me subjetivam a ser como sou. Em 2011 conheci o acrônimo e apenas em 2016 autorizei-me a participar dos grupos de Coda, sempre com a Adri e o professor Cláudio por perto, pensando juntos a minha experiência.

O encontro da tríade, dos três personagens, foi muito significativo, considero, como Jorge Larrosa (2002), ao problematizar o tema da experiência, onde ele empreende algumas notas sobre a importância de pensar seu sentido, uma experiência que, pela ordem do acontecimento do imprevisto, emergiu a experiência para um sujeito Coda em relação a sua subjetividade e identificação. Estamos ainda juntos, fisicamente sem a professora Adriana, porém, mantemos suas características nos nossos encontros presenciais, somos comprometidos com a pesquisa, com a educação e a docência, cada um no seu modo e caminho, mas, com muito respeito, carinho, amizade e afeto.

# “Mãe acadêmica!”

*Bianca Ribeiro Pontin*

Demorei muito para aceitar a partida da Adri. Ficava brava quando pediam um minuto de silêncio para elevar os pensamentos a ela, passei vários meses sem dizer o seu nome. Podem achar que fui imatura ao não fazer cerimônias, mas o que não sabem é que... no final, vocês entenderão, ou assim espero.

No ano de 2009, seguro-desemprego no fim, chego à Faculdade de Educação – UFRGS pela indicação do Cacau e Carol para trabalhar na área de Libras. Como eu não era formada e nem tinha experiência docente, acabei atuando como bolsista responsável pelas atividades administrativas da segunda turma do curso de Letras/ Libras, da UFSC, da qual a UFRGS era polo.

Conheci Lodenir Karnopp e Adriana Thoma, elas ficavam nas salas pequenas do nono andar do prédio azul. Um dia eu trabalhava na sala da Lodenir, no outro dia na sala da Thoma, dependendo do dia, do movimento e, principalmente, da disponibilidade de computadores, pois os dividia com os demais colegas: alunos, bolsistas, entre outros. Com o tempo, a área foi crescendo, junto com a expansão do trabalho que a Adri coordenava no Incluir. Passamos a ter uma salinha para o Letras/Libras (que saudades!) e outra para TILS, Tradutores e Intérpretes de Libras/LP.

## **CREIO QUE A AMIZADE COMEÇOU ASSIM, NUMA APRESENTAÇÃO PROBLEMATIZADORA...**

Thoma ou Adri (tem horas que chamo Thoma e, noutros momentos, de Adri) me perguntou, com um tom problematizador: “Bianca, você é surda ou deficiente auditiva?”. Percebi na hora que, se eu não tivesse estudado, minha resposta seria outra. Respondi: “Depende! Pra você, sou surda! Mas, para os médicos e/ou questões burocráticas, aí sou deficiente auditiva. Quando a pessoa não entende o que é ser surda, aproveito para explicar que o aparelho auditivo não me torna ouvinte, porque uso olhos para ler os lábios juntos etc. De modo geral, sou surda e, pra quem não entende, dizer deficiente auditiva ajuda”. Ela ficou maravilhada, nós rimos e nos identificamos, pois temos respostas diferentes e entendemos sobre como podemos ter cuidado com as nossas (su)posições, perspectivas etc. Em outros dias ela me perguntava qualquer coisa, inclusive sobre minhas questões particulares, e ali nasceu uma amizade, uma amiga que parecia mãe.

## **CONFIANÇA**

Passava vários papéis para ela assinar e ela o fazia sem ler direito. Percebi que confiava em mim, o que era um bom sinal,

mas me preocupava que ela pudesse ser ingênua demais, quando então eu disse: “Um dia vou fazer procuração para você passar tudo para mim”. Cada vez que ela tinha que assinar algum documento, abria um sorriso, lembrando do que eu havia falado.

## **ESTUDAR PARA BANCAR ESSAS COISAS...**

Ana convidou vários de nós, colegas do mestrado, para fazermos alguma coisa antes do casamento dela. Acho que fui eu que propus procurar o *Wanda*, um bar no qual as mulheres se reuniam para ver dançarinos. Fomos e nos instalamos. Um homem, elegante e educado, ficou entre nós para conversar. Eu fiquei feliz, porque entendia o que ele falava e conseguia me comunicar, ficamos batendo papo sobre a vida, os estudos, as culturas etc. No fim do papo, soube que ele trabalha(va) como garoto de programa. De curiosidade, perguntei o valor e tal. Enfim, Thoma, generosa, chamou-me para conversar em particular e disse para eu ficar com tal rapaz. E eu: “Não vai dar! Ele vai cobrar, e o valor é a metade da minha bolsa, só por 1h, não vale a pena”. E ela: “Então tu te mexe, vai fazer mestrado, doutorado e ser professora para poder pagar essas coisas”. Eu simplesmente amei, pois isso é ser tão aquariana!

## **A CASA E O CORAÇÃO DELA**

Eu morava em Esteio e algumas vezes deixava de ir a eventos ou saía mais cedo por causa do horário dos transportes, como trem e ônibus. Thoma abria-me a porta da casa dela para dormir lá quando eu quisesse. Não sei quantas vezes dormi na cama do Ramiro ou da Marina, filho e filha dela. O Basso, marido, sempre me fazia rir. Eu me sentia bem acolhida. Descobri que ela fazia escova para alisar os cabelos e pensava: “Meu Deus, como consegue ser vaidosa!”.

Aquela casa também foi espaço de produção de trabalhos, como orientação, escrita de artigos, preparação de aulas etc. Rolava jantar, chimarrão, troca de livros e até demonstração de roupas.

Também foi espaço de celebrações, salão de festas para comemorações de aniversário, festa de final de ano, confraternização após o vestibular da UFRGS, enfim. Parei de dormir lá quando me mudei para a Capital, e ela dizia: “Aah, é! Não quer mais dormir na minha casa”. Era saudade de mim.

## **AGENDA CHEIA DE COMPROMISSOS E AFETOS**

Thoma me dizia que tudo tem o tempo certo para acontecer, que tem coisas que levam mais tempo, mas, de forma impressionante, ela arrumava tempo para realizar coisas importantes. A parte engraçada é que ela sempre abria a agenda enorme e olhava onde era possível encaixar qualquer novo compromisso. Fazíamos viagens a trabalho, eu e ela, outras vezes em grupos. Fomos para Santa Cruz do Sul, Argentina, Florianópolis, Uberlândia etc. Mas a cidade de Santa Cruz do Sul era muito especial para ela. Confidenciou-me, aliás, que queria morar lá quando finalmente se aposentasse. Mas, antes, desejava ainda realizar o pós-doutorado na Itália e esperava que eu fosse junto.

Nessas idas e vindas, era fantástico socializar trabalhos, fazer (re)leituras, produzir novas problematizações que poderiam vir a fazer parte de novos projetos de extensão e pesquisa. Thoma, mulher que respirava Educação. Sabia aproveitar os pequenos momentos livres também para visitar lojas para comprar mimos. Adorava muito quando ela me deixava escolher os pratos nos restaurantes. E, o mais importante, ela era muito presente nas lutas pela inclusão e pela educação de surdos, tanto nos diferentes espaços quanto nos textos e em aulas.

## ORIENTAÇÃO – DOS ESTUDOS PARA A VIDA

Fui por ela orientada na especialização, no mestrado e doutorado. Sob sua orientação, aprendi que é bom:

- Reconhecer a potencialidade de cada um e trazer tal virtude para mais perto de nossas ações cotidianas;
- Ter cuidado com a paixão intensa, para não ficar presa e cega a uma única e/ou determinada perspectiva (teórica), mas que também é bom ter paixão para escrever e reler um pouquinho a cada dia, revisando e aprimorando os conhecimentos a compartilhar;
- Não ter vergonha de demonstrar a própria criatividade.

## E O CUIDADO DE SI?



Adriana, fã de Foucault

**Fonte:** acervo da autora, 2017.

Essa foto representa tanto o gosto dela por confraternizações quanto a lembrança de Foucault. Em quase todos os seus trabalhos havia teorização e inspiração foucaultiana, até da última fase do autor: “o cuidado de si”.

Nas últimas orientações, recebia-me em casa, de roupão, cabelo natural, cansada, com dor. Eu a lembrava, várias vezes, de fazer pelo menos um check-up, mas a agenda dela estava sempre cheia. Este tipo de cuidado, com a saúde pessoal, foi várias vezes adiado em favor do coletivo, da inclusão, da comunidade surda, do bem-estar socioeducacional, da formação, da transformação da sociedade. Agora sim, um dos motivos de meu silêncio é que, quando fiz questão de apresentar um trabalho num Congresso, para ela poder se cuidar, e aquela mulher resolveu ir conosco, pela primeira vez eu fiquei estressada com ela, numa resposta involuntária, foi meu grito de socorro.

Ela me olhou diferente, não sei se chateada ou assustada, mas finalmente foi ao médico, e jamais eu poderia imaginar que apenas a reencontraria no leito de um hospital.

Ao visitá-la, deu-me um abraço afetuoso e sorriu ao dizer: “Ah, tu, Bianca!”. No último dia, ela conseguiu me dar tchau.

## **#ADRIANAPRESENTE**

Ela estará sempre presente em meu coração e as lembranças dela estão espalhadas pela minha casa, em forma de bruxinha, ímãs de geladeira, cartões, a lata de Coca-Cola, na qual está escrito “Quanto mais Bianca, melhor”. Tudo isso me faz lembrar de que, tanto quanto alguém pode desejar, fui e sou amada.

Saudades...

# **Sobre uma ética amorosa e um necessário agradecimento**

*Betina Hillesheim*

Quando me comprometi com este texto, não imaginei que seria tão difícil escrevê-lo. Decidi então deixar que as palavras viessem em fluxo, sem nenhuma pretensão de linearidade ou de totalização da experiência. Apenas seguir as linhas, sem muito saber onde elas me levarão.

Adriana e eu compartilhamos um mesmo espaço de trabalho durante muitos anos: uma universidade comunitária no interior do Rio Grande do Sul. Ela, com uma trajetória significativa na área de Educação de Surdos, no departamento de Educação. Eu, no departamento de Psicologia, trabalhando com infâncias. Várias amigas e amigos em comum, porém, cada uma mergulhada em suas questões, não nos conhecemos naquele período. Somente mais tarde,



quando ela já não trabalhava na mesma instituição, mas estava na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que nos encontramos.

Uma amizade costurada a partir de pequenos retalhos; vidas que se entrelaçavam por breves instantes, que seguiam seus cursos e novamente se esbarravam. Uma amizade leve, generosa, aberta. Como Adriana.

Tenho seus risos na memória. Risos que denotavam uma abertura para o outro. Adriana brotava pelas frestas (ainda hoje, quando, por acaso, cruzo com alguém que a conheceu – professores/as, ex-alunos/as, pessoas de diferentes lugares –, percebo o brilho que a lembrança de Adriana provoca, a potência de seu riso, a memória carregada de afeto).

Assim, mesmo após sua despedida, não há lugar para melancolia. Adriana irradiava alegria, força, confiança na vida. Generosa até os últimos momentos, pediu às/aos amigas/os que não se preocupassem ou ficassem tristes, dizendo que a experiência do câncer possibilitaria aprender novas formas de viver a vida. Até o fim, aprendi com ela.

A saudade diz das marcas. Em um ambiente costumeiramente competitivo, Adriana operava pela cooperação. Eu disse que a conheci pessoalmente só depois de sua saída da universidade na qual trabalhou. Acho que é inexato. Adriana nunca saiu daqui. Sua presença pode ser sentida naquelas/es que conviveram com ela, nas escolas que desenvolveu projetos, nos trabalhos que orientou, nos textos que produziu, nas parcerias realizadas. Algumas vezes, nas mais diferentes situações, alguém chega para mim e, quando descobre que discuto inclusão (um dos efeitos do encontro entre duas pesquisadoras de distintas áreas, mas perspectivas compartilhadas), me diz: *conheci a professora Adriana Thoma, foi ela que me*

*fez pensar tal coisa.* Adriana ainda brota pelas frestas, nos ensinando que há outras formas de viver a vida.

Na rota Porto Alegre/Santa Cruz do Sul, UFRGS/UNISC, inventamos muitas paradas: bancas, orientações, cursos, eventos, livros, artigos, um dossiê sobre inclusão, reuniões de grupo de pesquisa, lançamentos em feiras de livros, almoços, cafés, jantares, caronas, palestras, conversas, confidências, festas, um pós-doutorado, mensagens de WhatsApp, risadas... amizade costurada sem pressa, sem nenhuma pretensão a não ser estar juntas, sem tempo determinado. Para além do tempo.

Enquanto escrevo, me dou conta que estou falando sobre amor. Não amor como (apenas) um sentimento, mas, principalmente, como nos aponta bell hooks (2021, p. 47)<sup>33</sup>, de amor como ética de vida, algo que não está dado, mas se constrói cotidianamente. Mais do que uma afeição por outra pessoa, bell hooks retoma a definição de Peck, colocando que “o amor é o que o amor faz. Amar é um ato de vontade – isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar”. Amar é comprometimento, responsabilidade consigo e com o outro, cuidado, respeito, confiança. Adriana escolheu amar, escolha esta que significa não se paralisar pelo medo e pela desconfiança diante do mundo, mas se conectar.

Diante da doença inesperada e da morte, Adriana seguiu escolhendo amar. Amou sempre, sem reservas. Sabia ela que para vivermos nossa vida com base em princípios de uma ética amorosa (demonstrando cuidado, respeito, conhecimento, integridade e vontade de cooperar), temos de ser corajosos. Aprender como encarar nossos medos é uma das formas de abraçar o amor. Talvez nosso medo não vá embora, mas já não ficará no caminho.

33 hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Efeante, 2021.

Aqueles de nós que já escolheram adotar uma ética amorosa, permitindo que ela governe e oriente o modo como pensamos e agimos, sabemos que, ao deixar nossa luz brilhar, atraímos e somos atraídos por outras pessoas que também mantêm sua chama acesa. Não estamos sozinhos (hooks, 2021, p. 137).

Tendo amado, Adriana assumiu o compromisso com o presente. Portanto, sua presença permanece onde derramou seu amor, visto que este encontro traz transformações. A pesquisadora que estudava infâncias hoje se debruça sobre políticas de inclusão, tendo percorrido um caminho que liga a Psicologia e a Educação. Afinal, *o amor é o que o amor faz*. Adriana sempre brota.

Obrigada, Adriana.

# **Um pouco mais, cinco minutos pelo menos. Carta de um reencontro**

*Liliane Ferrari Giordani*

Teu riso largo, teu abraço familiar, teu colo generoso, teu tempo em mim. Hoje sou eu que peço mais cinco minutos. Nas voltas deste mundo que juntas andamos, geralmente, eu ouvia:

– Já estou indo Lili, só mais cinco minutos.

De Santa Maria a Barcelona. Das noites no Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Santa Maria (DCE/UFSM) aos debates acalorados da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS), os cinco minutos eram para terminar de arrumar o cabelo, para terminar uma conversa ou para reinventar um novo jeito de lidar com as coisas da vida. Cinco minutos que me fazem tanta falta hoje.

Chegamos juntas ao Curso de Educação Especial – Deficientes da Audiocomunicação (credo, que nome assustador!!). Lá formamos uma gangue, que foi parar no Rio de Janeiro para nosso primeiro evento com ônibus fretado pela UFSM. Nos formamos com o Coral do Gonzaguinha: “viver e não ter a vergonha de ser feliz”. Como estudantes vivemos as noites de sábado no Panacéia – aquele lugar que curava nossas almas e, seguimos 25 anos depois, um pouco mais enferrujadas, em dias de aniversário no Araújo Vianna embaladas pelo samba que iluminava teu riso. Vida partilhada em nós, com nossos filhos. Teu orgulho de fazer a foto do primeiro ano da Marina de braços dados com o Gabhriel. Nossos dias entrelaçados intensamente por 30 anos.

Adri, uma educadora que se fez em sua didática, na sua forma de olhar o Outro. Um modo de promover aulas, encontros, de imprimir ideias e sensações, de ensinar e de experienciar a alteridade. A alteridade, que dizia ela em suas aulas magistrais, inventada e excluída a partir dos preceitos da normalidade, um produto de uma história colonial que pensa sobre o Outro, fala sobre o Outro e produz o Outro. Aulas de uma professora que traduzia os textos oficiais em materialidade cotidiana marcando um outro jeito de fazer esta história, rompendo com o disciplinamento dos corpos e com a doutrina das mentes. Em asas de borboletas libertava sonhos e alimentava a utopia.

Adriana vestida de Cora Coralina, carregava amor por onde passava e sempre me ensinava que não sabia se

*a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. É o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira, pura enquanto durar. Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina (CORALINA, s/a., on-line<sup>34</sup>)*

34 CORALINA, Cora. Não Sei. Disponível em: <http://www.filosoficienciaarte.org/index.php/arte-e-cultura/poesia/544-cora-coralina-nao-sei>. Acesso em: 20 set. 2022.

Com os diferentes matizes existentes aprendi contigo que vamos colorindo nosso mundo, dando vida, fazendo sua composição. Assim somos nós, misturas de cores, de sabores, somos peças que se encaixam e vão produzindo nossos modos de ser. Múltiplas formas de contemplar o mundo, de construir histórias.

Das coisas que juntas vivemos, compreendi que faz parte do nosso compromisso como professores entender que nenhum estudante poderá ser “menos aluno” quando não conseguir dar conta do que a escola destinou para ele. Precisamos reinaugar tempos, abrindo fronteiras com informação, reinvenção e responsabilidade, saber que a mente humana é um multiverso de sensações, desafios e oportunidades. Eu te escutava e me fortalecia a seguir, sem nunca desconsiderar o princípio da equidade que deve garantir a acessibilidade e o direito a Diferença.

Pela tua mão cheguei aos concursos da FACED, pela tua insistência em acreditar em mim. E lá tu estavas, na torcida e na cobrança da minha dedicação. E lá tu estavas quando cheguei em 2011 para ocupar meu lugar em uma sala no nono andar. Era ao teu lado, espaço compartilhado de coragem, dedicação e muito estudo. Ao teu lado, erguemos bandeiras pela Inclusão no Ensino Superior e no Programa Incluir, que hoje carrega tua história nas marcas de importantes conquistas institucionais.

Aprendi contigo que a *Inclusão* é um paradigma que deve pautar as ações de toda uma sociedade, portanto ela não pode ser discutida apenas vinculada às políticas escolares e sim percebida como uma prática que envolve uma mudança na forma de olhar para as pessoas com diferenças na sua forma de SER e ESTAR no mundo. Na valorização de suas potencialidades como cidadãos de uma nação e na viabilização de Políticas Públicas são garantidos os direitos efetivos de acesso aos diferentes serviços em uma política de Estado e não apenas de um Governo. Sigo por aqui,

em redes fortalecidas pelo teu legado, lutando cotidianamente pelo direito pleno de todos à escola.

A FACED ganhou a sala 805, nosso território pedagógico da educação de surdos, conquistado pela tua generosidade política e força administrativa. Sala que carrega hoje o teu nome, a tua biblioteca, as tuas invenções e tua presença. Seguiremos teus ensinamentos em redes de compartilhamento construindo nossas pontes, alargando nossos pátios e colorindo nossas paredes. Seguiremos pela amorosidade reinventando os jeitos de ser professora. Ralando joelhos nas corridas do recreio, com sorrisos largos entre barulhos do refeitório e em longas rodas de conversas com professores.

Mais cinco minutos, mais um abraço, um pouco mais. Eu esperaria o tempo que fosse preciso para termos nossos cinco minutos de volta. Mas, como não temos o poder do tempo, temos o tempo vivido como presente para agradecer. Gratidão por te ter nas tardes quentes em longas caminhadas nas casas dos estudantes surdos da Tancredo Neves em Santa Maria, no início das manhãs nos corredores da FACED em aulas da disciplina de Educação Especial. Nas invenções do NUPPES pela cidade, com Congressos gigantescos e cursos de formação de professores. Nas bancas da UNISC, nas viagens partilhadas de trabalho... tantas e muitas coisas partilhadas que se misturavam e nos faziam melhores juntas.

Tu estarias orgulhosa dos teus. Gente maravilhosa que segue teus ensinamentos, tua amorosidade e tua esperança em um mundo melhor. Gente que segue cuidando de mim, que se ocupa de me ver feliz. Larisa, Lu e Graci me cercam do teu amor e do teu cuidado. O que me dá coragem de seguir em frente, de acreditar no nosso projeto e de viver um dia de cada vez.

Adri, por vezes tu me apareces em sonhos. Entra pela porta sorrindo, leve com plenitude. Não chegamos a falar, mas sabemos

uma da outra. Ontem, falei em ti em uma banca: “temos a tarefa de sermos generosos com nossos leitores”, tua frase que cito, assim como muitas outras que estão coladas em mim.

Nunca vamos conseguir explicar este sequestro de vida que nos tomou, nem temos energia para tentar argumentar. O que nos resta é aceitar, acreditar que há um espaço transcendental e preservar a alma e o coração para suportar as dores e nos preencher de resiliência para seguir nossa tarefa neste plano.

Nossos cinco minutos estão terminando, precisei parar um pouco a escrita para recomeçar.

Volto com mais coragem porque você me dá a mão e me pede para seguir, pois a maior homenagem que posso prestar a você é viver como você esperasse que eu vivesse.

Volto, também vestida de Cora Coralina pelas palavras que você deixou em mim por ser aquela

*Mulher a quem o tempo muito ensinou.  
Ensinou a amar a vida e não desistir da luta,  
recomeçar na derrota, renunciar a palavras e pensamentos negativos.  
Acreditar nos valores humanos e ser otimista<sup>35</sup>.*

Adriana minha amiga-irmã, preciso me despedir. Nada fácil essa tarefa, sabemos bem. Talvez seja por um tempo, talvez seja para sempre. Deste universo, pouco ou nada sabemos. Mas, tenha a certeza que cada cinco minutos que juntas passamos se transformou em eternidade.

Te amo com minha alma e meu coração.

35 CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 6 ed. São Paulo: Global Editora, 1997, p.145.



The background is a soft watercolor wash in shades of yellow, orange, and light green. It features delicate floral illustrations, including a large orange flower on the left and a smaller one on the right. A small bird is depicted in flight in the upper right quadrant. The overall aesthetic is gentle and artistic.

Parte **4**

**Despedida,  
ausência  
e saudade**

ainda bem que alguns nomes  
desses que decidimos guardar  
nesse coração que vive a golpes  
ainda soam suaves  
cê fez falta, viu?

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

# À Adriana

*Bruna Fagundes Antunes Alberton*

Este é um texto de homenagem, de gratidão... e pode parecer estranho iniciar esta escrita contando sobre a minha vida, quando na verdade minhas palavras deveriam ser dedicadas à Adri. Mas o fato é que posso dizer que muito da minha vida está implicado no encontro com essa mulher incrível que traçou uma virada no meu percurso de vida, ao ponto de eu poder dizer que ela a salvou. Parece forte não? Dizer que alguém salvou a vida de alguém... mas a Adri certamente salvou não somente a minha, mas tantas outras vidas surdas, no momento que acreditou em nós, nos impulsionou ao encontro de nossos sonhos, mobilizou nossas lutas!

Eu, surda, nasci em uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul, e cresci com poucos conhecimentos sobre os significados de ser surda, em meio a uma escolarização limitada, desconectada

de um preparo específico para a educação de surdos. Frequentei escolas comuns, juntamente com mais ou menos 30 alunos ouvintes. Sem poder levar em conta a voz dos professores em suas explicações, focava meu olhar no quadro-negro e nas atividades escritas. E foi nessa sala de aula, pouco acessível que descobri o meu gosto pela Matemática, que veio a se tornar a minha disciplina favorita.

Eu acompanhava com atenção redobrada as explicações escritas no quadro, realizava as atividades, conferia os resultados e memorizava regras. Pouco a pouco fui descobrindo também em mim um sonho: ser professora de Matemática! Ao mesmo tempo que nutria esse sonho através do meu amor pela disciplina, imaginava que era um sonho quase impossível, já que, por ser surda, eu dificilmente seria aceita como professora para alunos ouvintes.

Durante o meu ensino médio, comecei a pesquisar sobre a vida e as oportunidades existentes para os surdos: escola, lazer e trabalho. Foi nesse período que eu e a minha irmã descobrimos, através da internet, a existência de escolas de surdos, comunidade surda e associação de surdos, e passamos a ter os nossos primeiros contatos com a língua de sinais e começamos a aprender a Libras.

Com a Libras, em um novo caminho, reavivei meu sonho de ser professora, me imaginando agora trabalhando com estudantes surdos, contribuindo com o conhecimento e expansão da Libras, instrumento de comunicação das pessoas surdas. Motivada por esse anseio, e por essa centelha de novidade e mudança em minha vida, parti para qualificação profissional, que imaginava eu, me tornaria apta para enfim conquistar meu sonho.

E, entre passos e vacilos, encontrei um porto seguro e asas que me permitiram sonhar cada vez mais alto.

Eu já havia me tornado professora em uma escola de surdos, e em meio a formações continuadas comecei a sentir o desejo de entrar no curso de Mestrado. Coincidentemente, em razão de uma demanda da escola que na época lecionava, fui participar de uma oficina de Matemática na Faculdade de Educação da UFRGS, na qual encontrei a professora Adriana. Conversamos sobre meu sonho de entrar no mestrado e de estudar sobre educação matemática para surdos. Foi ela que, com toda a paciência, passou as orientações para eu cursar a disciplina como aluna especial (PEC), assistir as aulas e realizar muitas leituras, e depois, fazer a prova de seleção de Mestrado. Com o incentivo dela cursei três disciplinas, nas quais adquiri a base para finalmente entrar no Mestrado em Educação.

Foi a Adriana que me instigou a pensar, refletir e construir o meu problema de pesquisa. Sem ela eu não teria voado mais alto em meus sonhos de qualificação. Por ter uma história de vida constituída em meio a comunidade surda e por lutar por uma educação bilíngue, ela estimulou não somente a mim, mas a diversos outros surdos, a estudar a educação de surdos. E esse estímulo era envolto de confiança e exigência. Em meio a sorrisos, ela acreditou nos meus sonhos, os fortaleceu, misturando apoios, estudos e afetos! E eu só posso agradecer por tudo o que ela representa no percurso como pesquisadora na área da educação matemática para surdos.

Incansável, ela nos impelia às lutas, não como alguém de fora que sugere ações, mas como alguém de dentro da comunidade surda, que segurava conosco as nossas bandeiras, lutando até o fim pelo reconhecimento das diferenças, por uma educação bilíngue de qualidade. Uma mãe acadêmica! Sempre adorável e atenciosa... lembro até hoje o quanto com ela éramos acolhidos em completude, até mesmo minha pequena filha era por ela considerada uma “neta acadêmica”.

E em meio a toda essa vida acadêmica que se mistura à vida para muito além das pesquisas, aproxima afetos, famílias... dois dias depois do meu aniversário, no mês de novembro, a notícia mais triste chegou: Adriana, minha professora orientadora querida, amiga da comunidade surda, amante da educação de surdos, foi encontrar a paz. Deixou uma história intensa e linda com muito amor e dedicação, pois cumpriu seu belo sonho de ensinar com amor e trabalhar na área de educação de surdos (e com isso impulsionou tantos outros sonhos).

Nos despedimos antes que eu conseguisse terminar o doutorado sob sua orientação, mas quis deixar sua presença bem marcada em minha tese, através de uma nota de rodapé em sua homenagem: “O seu importante trabalho como pesquisadora da área de educação bilíngue, educação inclusiva e Estudos Surdos, professora de surdos, orientadora de surdos e militante da comunidade surda, deixou profundas marcas na história na Educação de Surdos” (ALBERTON, 2021, p. 82<sup>36</sup>). No entanto, creio que cada linha de meus escritos acadêmicos, em alguma medida são uma forma de homenagem à Adriana, uma forma de manter as suas lutas e sonhos vivos!

Meu desejo com esse texto era produzir uma poesia que unisse a língua de sinais e o português, brincar com configurações de mãos, criar a partir da potência das línguas, essas línguas que sempre estiveram tão presentes no nosso cotidiano de orientações e amizade. No entanto, falar de saudade, de afetos, de Adriana, não é nada fácil, seja em Libras, seja em Português, não é uma questão de idioma, mas de sentimentos, da dificuldade de externar em termos aquilo que preenche o coração.

Na impossibilidade de dizer tudo sobre o qual o coração transborda, produzo esse pequeno acróstico com esse nome que representa tanto: Adriana.

36 ALBERTON, Bruna Fagundes Antunes. **Etnomatemática surda**: práticas discursivas no ensino de matemática para surdos. 2021. 178f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2021.



driana nos ensinou com carinho e amor. Sem amor não seria possível tamanho compartilhamento de aprendizagens e ideias.



edicava muitas horas trabalhando com as pessoas surdas.



isonha, simplesmente risonha e sorridente em qualquer momento.



indicava caminhos lindos para as pessoas da comunidade surda.



mável e sempre atenciosa com todos.



unca faltava com respeito à comunidade surda.



miga da educação de surdos, sempre presente nos momentos bons e ruins com uma palavra de incentivo.

Adriana é uma inspiração para nós e sempre terá um espaço no coração da comunidade acadêmica e comunidade surda!

Sou muito grata por ter cruzado meu caminho com essa mulher tão especial.

Grande professora!

Meu carinho gigante, maior admiração e eterna gratidão, Adriana Thoma!



# Nas plataformas da vida, encontros e despedidas da amiga Adriana

*Madalena Klein*

Este é um texto em que, no ato da escrita, misturei muitos sentimentos. Ao receber o convite para escrevê-lo, logo correram na memória muitas lembranças de um tempo que se expressou não apenas pelo seu transcurso de horas, dias, meses e anos compartilhados com a amiga Adriana Thoma, mas sobretudo por uma temporalidade que não se mede, mas que pulsa incessante. Lembranças que surgem como lampejos e que se misturam inicialmente entre experiências acadêmicas, mas que ganham forma e força em múltiplas vivências compartilhadas.

Ao sentar para este exercício da memória, em que vamos buscar vestígios do que se viveu junto à amiga Adriana, vi-me cantarolando a música *Encontros e despedidas* de Milton Nascimento e Fernando Brant, da qual transcrevo os versos:

Mande notícias  
Do mundo de lá  
Diz quem fica  
Me dê um abraço  
Venha me apertar  
Tô chegando

Coisa que gosto é poder partir  
Sem ter planos  
Melhor ainda é poder voltar  
Quando quero

Todos os dias é um vai-e-vem  
A vida se repete na estação  
Tem gente que chega pra ficar  
Tem gente que vai  
Pra nunca mais

Tem gente que vem e quer voltar  
Tem gente que vai, quer ficar  
Tem gente que veio só olhar  
Tem gente a sorrir e a chorar  
E assim chegar e partir

São só dois lados  
Da mesma viagem

O trem que chega  
É o mesmo trem  
Da partida

A hora do encontro  
É também, despedida  
A plataforma dessa estação  
É a vida desse meu lugar  
É a vida desse meu lugar  
É a vida

(Encontros e despedidas. Milton Nascimento e Fernando Brant)

Nesses trilhos chamados de vida, Adriana circulou por muitas estações. Em algumas delas tive a alegria de encontrá-la. Tivemos muitos momentos de chegada – em que olhamos, sorrimos e por vezes choramos. Mas, sem nenhum aviso que nos preparasse, fomos surpreendidas pela despedida.

Todos os dias é um vai-e-vem  
A vida se repete na estação  
Tem gente que chega pra ficar  
Tem gente que vai  
Pra nunca mais

Conheci Adriana nos corredores da Faculdade de Educação da UFRGS, ela já aluna do Mestrado e eu, aluna com matrícula especial em um seminário avançado ofertado pelo professor Carlos Skliar, naquela época, professor visitante. Ali já ficava evidente

uma característica de Adriana – seu tempo sempre exaustivamente preenchido e, por isto, ela sempre se movimentando de um lado para outro. Este jeito de se conduzir tinha a ver com uma característica nela muito presente, e que fui conhecendo na medida em que amadurecia nossa relação de amizade: Adriana circulava por vários espaços a partir de sua generosidade, sua disposição de colaborar e ajudar. Muitas vezes, em nossas conversas eu a provocava: “precisas aprender a dizer não”. Mas, o SIM era mais forte e Adriana quase que abraçava o mundo. Pelo menos tentava, não por presunção, mas pelo seu espírito solidário e engajado.

Revolvendo as memórias, surgem *flashes* de projetos compartilhados nos tempos do NUPPES – Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais de Surdos. Entre tantos, lembro quando Adriana, Gládis Perlin e eu nos reunimos para pensar e executar um projeto de assessoria a escolas estaduais de surdos, demanda da Secretaria de Educação do RS ao NUPPES. Foram várias reuniões em salas da FACED, no Bar do Antônio, na casa da Adriana, para pensar estratégias que provocassem aos docentes e discentes das escolas de surdos a pensarem o currículo e, mais especificamente, seus espaços e suas práticas cotidianas. Esses momentos, sem dúvida, foram minhas primeiras aproximações à formação docente, tema que naquela altura ainda me era estranho. Aprendi muito nas conversas com Adriana, quando das leituras compartilhadas de textos que nos provocavam pensar questões a serem levadas para os encontros nas escolas. Daquela experiência, realizamos muitas discussões sobre o tema avaliação, o que nos mobilizou, anos mais tarde, a organizar o livro *Currículo e avaliação: a diferença surda na escola*<sup>37</sup>. Estes eram, aliás, temas que nos mobilizavam nos projetos de formação de professores para a educação de surdos, quando revezávamos a responsabilidade de disciplinas nos vários cursos que o NUPPES promoveu

37 THOMA, Adriana da Silva; KLEIN Madalena. (org). **Currículo e avaliação: a diferença surda na escola**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

em parceria com secretarias de educação do Estado do RS ou de municípios como, por exemplo, Pelotas e Rio Grande.

Nossos encontros aconteciam em qualquer lugar, desde as salas ou corredores da FACED, no escritório regional da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos), em nossas casas, nos ônibus ou trem, quando nos locomovíamos para escolas ou eventos. Para além da parceria de colegas de pós-graduação, de colegas de grupo de pesquisa, construímos um vínculo forte de amizade.

Meus últimos encontros com Adriana aconteceram quando ela estava no hospital para realizar exames e iniciar o tratamento contra o câncer. Estive lá juntamente com Lodenir Karnopp e Maura Lopes. Um encontro de amigas, em que Adriana mantinha sua postura de guerreira. Entre um assunto e outro, nos falava das tarefas que ainda precisava dar conta, das orientações, dos encaminhamentos de projetos. Também compartilhava das alegrias e preocupações com sua família. Lá estava a Adri sempre ativa, propositiva, amorosa com suas amigas e pessoas que a cercavam.

Mantenho-me aqui cantarolando: *E assim chegar e partir*. Adriana chegou entre nós, nos abraçou; sorriu e chorou. Compartilhou muita vida. *Tem gente que chega pra ficar*. Adriana chegou e se mantém entre nós, com seus escritos, mas, sobretudo, nas nossas lembranças de tantos momentos que tivemos o privilégio de sua presença.

Pelotas/RS, junho de 2022

*Madalena Klein*

Docente da Faculdade de Educação / UFPel

# A ausência é presença que ninguém me tira

*Maura Corcini Lopes*

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim [...].

(ANDRADE, 2015, p. 21<sup>38</sup>)

Sempre encontrei conforto na poesia. Não sei escrever poemas, mas gosto de lê-los e de curtir uma certa melancolia que eles geram em mim. Carlos Drummond de Andrade, no poema *Ausência*, me fez pensar de outra forma o que sinto. O poeta diz que

38 ANDRADE, Carlos Drummond de. *Ausência*. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

não há ausência. Logo que li essa afirmativa, discordei. Mas segui pensando e acho que ele tem razão. Conforme o tempo passa, me dou conta que a ausência é, sim, presença, pois é memória viva em mim; e essa, como diz Drumond, *ninguém me tira*.

Só se pode sentir a ausência daquelas pessoas que, de diferentes maneiras, marcaram sua existência no outro. Em uma outra direção, a da ausência, está a exclusão. A exclusão, se levada a sua radicalidade, significa a inexistência do que se poderia sentir falta. Isso, sim, é inimaginável, pois a exclusão nada deixa; nem mesmo o vazio e tampouco a ausência. Entendendo dessa forma, confesso que é por sentir a tua ausência, Adri — tão presente em mim, de forma a constituir parte do que sou e da energia que tenho —, é que me sinto desafiada a entender o presente por essas lentes.

Ao desdobrar a ausência para melhor entender como ela pode se converter em mecanismo de ativação do sujeito que a sente, percebo que mais do que presença, ela é presença feita potência no sujeito que a carrega. Tal potência é energia que pode ser conduzida, entre outros fins, para mobilizar indignações e significativas revoltas. Nesse sentido, começo organizando meus próprios pensamentos para entender o que acontece no presente brasileiro e, quem sabe, provocar aqueles que lerão essa carta a fazer viradas nos acontecimentos que as violentam. Então, retomando a nossa velha prática de trocar e amadurecer ideias por telefone, longos *WhatsApps* e *e-mails*, é que uso esta carta (de certa maneira, endereçada para mim mesma) a fim de registrar e organizar meus pensamentos. Faço isso com o objetivo de dar novas pistas para o uso de mais uma ferramenta de análise para quem estuda; por exemplo, as práticas de subjetivação.

Para ficar mais clara a ideia que apresento aqui, parto das ausências de pessoas queridas, sentidas por aqueles e aquelas que sobreviveram à pandemia da Covid-19, no Brasil. Há pouco mais de dois anos o mundo tem enfrentado uma pandemia sem precedentes.

Seus impactos são tão agudos que cientistas e sociólogos a caracterizaram como uma *sindemia*. Por *sindemia* podemos entender processos agudos em que se combinam e se potencializam “problemas que se situam nos âmbitos sanitário, sociocultural e ambiental” (VEIGA-NETO, 2020, p. 4<sup>39</sup>). Constituindo esses três âmbitos, temos uma infinidade de problemas que vão da prevenção, do controle demográfico, da educação até os desequilíbrios ambientais.

Na verdade, a *sindemia* veio agravar, ainda mais, as múltiplas desigualdades que enunciamos, inúmeras vezes, em textos, aulas e em conversas que tivemos. Nesse período, em que já não estavas conosco, o contexto de desigualdades foi palco para tristezas ainda mais duras e capazes de gerar indignação, não só naqueles que a vivenciaram diretamente, mas em todos os que lutam e militam para denunciá-las e combatê-las. O Estado foi e está sendo negligente com as vidas da população que, a todo momento, se vê atacada por violências de todas as ordens. Hoje, penso que nossas lutas devem ter clareza das histórias que as constituem para que possamos andar na contramão dos abusos, das violências sofridas, das expulsões e das exclusões cometidas. Tal clareza, no meu entender, é perpassada por duas dimensões: a dimensão do conhecer a história pregressa das lutas contra as desigualdades no Brasil e a dimensão da ausência deixada por aqueles que foram negligenciados.

Diante da condição de violência instalada no Estado, muitos se questionam sobre o imperativo moderno da inclusão. Tenho recebido muitas perguntas, com destaque para essa: diante de um estado de violência, de morte e de expulsões agudas daqueles que vivem no limiar entre pobreza e miséria, ainda podemos falar da inclusão como um imperativo? Tenho respondido, às vezes, que sim; mas, de certa maneira, sempre titubeando como se ensaiasse uma compreensão mais complexa. Porém, de lá para cá, tenho defendido que sim,

39 VEIGA-NETO, Alfredo. **Mais uma lição**: *sindemia* covidica e educação. *Educação & Realidade*, v.45, n.4, Porto Alegre, 2020.



é possível seguir pensando na inclusão como um imperativo do Estado Moderno. Desenvolvo um pouco essa ideia, a fim de exercitá-la.

No final do ano passado, eu e Alfredo escrevemos um texto para ser publicado no início de 2022, em que afirmávamos que a inclusão havia deixado de ser um imperativo de Estado “para ser, novamente como em séculos passados, um estado permanente ou uma condição reservada somente a alguns” (LOPES, VEIGA-NETO<sup>40</sup>, 2022, p. 87). Ao mesmo tempo em que afirmávamos o enfraquecimento do imperativo, seguíamos argumentando sobre a existência de um gradiente de participação no qual aqueles que margeavam a miséria em um dado território geográfico, aos poucos iam sendo expulsos do gradiente. Porém, enquanto uns são crescentemente precarizados até a exclusão, outros são incluídos, servindo de exemplo para os que vivem condições semelhantes. Tais possibilidades de vida mantêm desigualdades necessárias, dentro de uma lógica neoliberal, para a competitividade contemporânea.

Seguindo as reflexões desde a escrita daquele, penso que sim; que podemos seguir falando de imperativo de inclusão. Afinal, trata-se de práticas que antecedem as leis e ultrapassam muito os governantes que as interpretam e as manejam. Como sujeitos modernos, reconhecemos evidências de uma atitude inclusiva na população, pois essa é típica de um *éthos* de Modernidade. Para afirmar isso, não posso entender a ideia de imperativo fixando-a em um governo ou em um governante; isso seria um equívoco ou, no mínimo, má interpretação. Quero dizer que ao olharmos historicamente para práticas que guardam semelhanças com aquelas que hoje chamamos de inclusivas, percebemos no século XXI — portanto, diferentemente do século XX —, que a inclusão é menos caracterizada como uma condição a ser atingida em um futuro

40 LOPES, Maura Corcini. VEIGA-NETO, Alfredo. Governamentalidade, democracia crítica e educação. In: COLLET, Jordi. GRINBERG, Sílvia (eds). **Havia uma escola para lo común**. Debates, luchas y propuestas. Madrid: Morata, 2022. p. 73-90.

imaginado e mais como uma constante luta para manter, conforme argumenta Enzweiler (2022)<sup>41</sup>, um *equilíbrio instável* com seu oposto constitutivo, a exclusão. Diante disso, seria aligeirado ou prematuro demais afirmar o fim de um *imperativo moderno*. Com isso quero dizer que as muitas desfiliações, exclusões, expulsões e estigmatizações que vivemos hoje permitem pensar de forma contrastante a inclusão; porém se a seguimos percebendo, mesmo pelo seu oposto ou negação, é porque estamos subjetivados modernamente para incluir ou pelo menos para exigir do Estado uma outra posição diante do imperativo que se sobrepõe ao próprio Estado. Resumindo, a resposta para a pergunta sobre se é possível seguir pensando a inclusão como um imperativo, penso que sim; afinal, a inclusão é um conceito útil para o neoliberalismo e se atualiza, tomando contornos distintos em diferentes momentos em que ele se manifesta.

Quero voltar ao conceito de *equilíbrio instável* (ENZWEILER, 2022) para poder mais bem articulá-lo à discussão do imperativo da inclusão. Deise Enzweiler, pesquisadora de nosso Grupo, ao realizar a sua investigação, se incomoda com o que ela diz ser “um equilíbrio instável na perpetuação de múltiplas desigualdades escolares” (ENZWEILER, 2022, p. 62). Para afirmar isso, ela trabalha a partir de três mecanismos identificados nas análises das estatísticas educacionais das desigualdades de acesso. São eles: *in/exclusões*, *expulsões* e *permanências precárias*. Ao incluir grupos específicos e que são historicamente excluídos do espaço escolar, a engrenagem social e de Estado agem de forma a manterem as desigualdades “ora diminuindo distância entre diferentes grupos, porém longe de uma condição de igualdade; ora mantendo e/ou aumentando tais distâncias” (ENZWEILER, 2022, p. 62-63). Mas o fato é que fenômenos de expulsões e de crescente precarização das condições de vidas parecem ser os elementos que mais caracterizam o presente e, portanto, pintam

41 ENZWEILER, Deise Andreia. **Inclusão e desigualdades escolares em estatísticas educacionais pós-Constituição Federal de 1988**. 2022. 221f. Tese (Doutorado), Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2022.

os debates da inclusão como um imperativo com outras cores, mas não o descartam. Ao entrar nessa discussão, minha vontade é de seguir escrevendo sobre ela, mas farei isso em outro texto.

Em síntese, a ideia de *equilíbrio instável*, quando articulada à racionalidade neoliberal – a qual é condição de possibilidade para a sua existência –, possibilita compreender o quanto são potentes e capazes de recriarem os mecanismos subjetivantes que fazem com que os indivíduos operem sobre si mesmos, ora sentindo a ausência e ora esquecendo daqueles marcadamente desiguais e os excluindo. Embora eu saiba que, no mesmo jogo de regras neoliberais, estejam presentes tanto a ausência quanto o esquecimento – ambos sentimentos que exigem um sujeito ativo sobre si mesmo. A ausência pode ser potente na geração de revoltas em nome daqueles inúmeros mortos em batalha; mas o esquecimento é o próprio apagamento da memória. Uma vez esquecidos tanto os acontecimentos quanto as pessoas, não há mais razões para resistir ou para reivindicar suas presenças ou pelas razões de suas ausências.

Muitas famílias têm carregado sozinhas as ausências de pessoas que morreram devido, entre outras razões, ao descaso do governo brasileiro com o corpo-espécie da população. Por esses ausentes, parte da população tem chorado contra o abandono, o descaso, a desfiliação, a insegurança, a falta de saúde e a morte. Também tem se mobilizado dizendo um basta ao fascismo e ao racismo que caracterizam as ações violentas de Estado. Infelizmente, posta como gado – que aguardou por meses o suposto efeito de rebanho gerado por um contágio disseminado, pois o Brasil não priorizou a compra das vacinas –, a população, agora em grande parte vacinada, segue sendo desrespeitada e transformada em uma massa de fracos a serem abatidos.

Entendo que a ausência gerada naqueles que sofreram perdas de entes queridos pode produzir nos sujeitos, aquilo que

Sloterdijk(2012)<sup>42</sup> diz ser uma espécie de *tensão vertical* sobre si mesmos. Em suas palavras, a tensão vertical é uma espécie de impulso humano de superação de si mesmo. É como se a tensão sentida pelo sujeito o fizesse puxar de dentro de si uma força tamanha capaz de o impulsionar de diferentes maneiras a reagir e a resistir. Logicamente, que nem todos aqueles que sentem a falta, e a nutrem em si, reagem da mesma maneira. As diferentes reações vêm de outros fatores que as determinam; dentre eles, as muitas histórias vividas de injustiça e de precarização de vidas submetidas às violências de cada dia.

Em meio ao cenário da política atual, é incrível perceber como a Modernidade não chegou de maneira mais expressiva no Brasil, tampouco a governamentalidade se consolidou de forma a termos uma democracia crítica (LOPES, VEIGA-NETO, 2022). No século XXI, seguimos lutando e denunciando a barbárie, fato que revela quão distantes estamos de um Estado Republicano. Também, seguimos lutando por condições dignas de vida e igualdade de acesso e permanência de todos em espaços comuns. Mesmo tendo, há mais de 20 anos, assumido a premissa da inclusão, é possível dizer, a partir de mecanismos observáveis de in/exclusão, que ela continua sendo um ideal e, nesse sentido um imperativo de uma Modernidade não completamente realizada. Como acadêmicos ativistas, seguimos lutando contra a barbárie para mostrar, entre outras coisas, o quanto a lógica do combate do inimigo nos constitui, sendo agravada pelas práticas narcisistas, típicas de uma racionalidade neoliberal extrema.

Como sempre, teria muitos assuntos para dividir contigo. Sinto a falta de tua interlocução questionadora, inteligente, inquieta e crítica que sempre me fazia pensar e elaborar novos argumentos. Confesso que, ao escrever esta carta, vivi sentimentos complexos. Se, por um lado, às vezes me sentia esquizofrênica – pois falava comigo

42 SLOTERDIJK, Peter. **Has de cambiar tu vida:** sobre antropotécnica. Valencia: Pre-Textos, 2012.

mesma como se eu fosse outra pessoa –, por outro lado, me sentia fazendo um diário. Independentemente de um ou de outro lado, ao fazer esse exercício de escrita, elaboro um pouco mais – embora com inúmeras fugas temático-acadêmicas – a tua ausência que ainda dói, mas que te mantém sempre presente em mim.

*Maura Corcini Lopes*

Junho de 2022

# Saudades que permanecem: Adriana da Silva Thoma!

*Lodenir Becker Karnopp*

Ao ser convidada a escrever um texto que contasse um pouco da convivência com Adriana da Silva Thoma – doravante Adri, pois era a forma como a chamávamos –, precisei de um tempo longo, pedi prorrogação de prazo às organizadoras e fiquei vários dias relembrando alguns dos momentos que juntas vivemos. São tantas cenas e foram tão intensos os dias de convívio, que selecionar uma ou outra história torna-se uma atividade desafiadora. Dentre tantas possibilidades, escolhi prosa e verso como formas de apresentá-la.

Conheci Adri quando éramos estudantes – no mestrado – e atuávamos na FENEIS. Eu fazia mestrado em Linguística, na PUCRS; ela em Educação, na UFRGS: ambas com temáticas relacionadas à educação de surdos e línguas de sinais. Conversas, projetos, trocas, parcerias, conexões e apoio: esse foi nosso movimento de amizade

desde o momento em que nos conhecemos. Embora eu fosse externa à UFRGS, considerava-me integrante do grupo de pesquisa, coordenado pelo professor Carlos Skliar – o Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais de Surdos (NUPPES) – que contava com a participação de colegas como Madalena Klein, Márcia Lise Lunardi-Lazzarin, Maura Corcini Lopes, Liliane Ferrari Giordani, Gládis Perlin, Sergio Andres Lulkin, entre outros. Justamente pela forma de acolhimento e afeto com que o grupo atuava, bem como pelas temáticas e formas de desenvolver pesquisas, participar do grupo me proporcionava muitos aprendizados. Tempos de encontros alegres, festivos, de estudos e debates marcaram nossas vidas e nossa atuação acadêmica e política.

Fomos aprovadas no mesmo concurso público, no Departamento de Estudos Especializados da UFRGS e logo assumimos juntas a coordenação do curso de Letras-Libras, na modalidade EaD, durante os anos de 2008 a 2012. Atuamos na mesma linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Educação – a linha dos Estudos Culturais em Educação. Participávamos das reuniões do Departamento de Estudos Especializados, das reuniões da Faculdade de Educação, do Conselho do PPGEDU e do Programa Incluir. Tornamo-nos pesquisadoras e professoras em um período de grandes desafios e muitas possibilidades. E a energia da Adri nos contagiava!

O programa Incluir foi uma de suas atribuições na UFRGS e para o qual dedicou tempo e talento para organizar projetos de inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior. Articulou ações em torno de propostas que foram construídas coletivamente, em um movimento que demandou articulação política e pedagógica. Adri não se intimidava diante dos desafios da educação inclusiva na universidade: tomava-os como necessários para uma educação de qualidade, pública, gratuita e **inclusiva!**

O trabalho sempre foi intenso e produtivo. Dificuldades e desafios foram permanentes, nos diversos espaços em que atuamos,

como professoras da UFRGS! Diante de impasses e dúvidas, nada melhor do que um bom café, no bar do Antônio, para pensarmos melhor, tomarmos decisões, driblarmos os desafios e afinarmos nossas formas de atuação. Inclusive para amenizarmos as tensões e pactuarmos consensos diante de divergências que tínhamos uma com a outra. Foi nesse cotidiano que a amizade se fortaleceu e se tornou necessária: não éramos somente colegas, éramos amigas!

Aulas na graduação e na pós-graduação; orientações de *lato* e *stricto sensu*; atividades administrativas; bancas de trabalho de conclusão, de mestrado e de doutorado; viagens para participação em eventos; desenvolvimento de projetos de pesquisa e de extensão foram atividades intensas e bastante frequentes em nosso cotidiano! Nesse contexto, partilhávamos experiências, sabíamos quando uma não estava bem e quando o apoio se fazia necessário. Essa percepção estava em nossa língua e para além dela; estava nos sinais, nos gestos e nas expressões do olhar! Planejavamos aulas, organizávamos eventos, compartilhávamos dúvidas relacionadas às orientações e trabalhos de conclusão, pedíamos que aquela leitura final, antes da publicação de um artigo, fosse realizada...

Lembro o quanto festejávamos pelos espaços que a área estava conquistando, fruto do movimento surdo e de políticas públicas durante o governo de Lula e Dilma! Fomos privilegiadas de atuar em uma universidade pública em um momento que, efetivamente, a educação neste país foi valorizada e levada a sério pelos governantes e pelo Ministério da Educação. Foi nesse momento que novos docentes surdos, ouvintes bilíngues e tradutores-intérpretes de Libras-Português (TILSP) realizaram concurso público na UFRGS. Conquistamos salas no nono andar e posteriormente a sala 805, com todo equipamento necessário. Eram lutas e pautas coletivas, da qual fazíamos parte; momentos que marcaram nossas vidas e docência – buscamos parcerias e



insistimos em um diálogo aberto para construir pontes e manter o ativismo político e pedagógico em nossa Faculdade.

Saudades que permanecem de uma amizade que se concretizou para além do prédio azul da FACED, pois em alguns dias de folga combinávamos passeios e chimarrão! Ah, e quantos aniversários de nossas filhas e filhos festejamos! Nossas famílias se encontravam, filhos brincavam, churrasquinho e risadas eram os melhores presentes, na presença de nossos queridos – Eldo, Basso, Martina, Marina, Artur e Ramiro – além de amigos e familiares!

Saudades que permanecem de um sorriso largo, de uma colega e amiga, que se fazia presente no prédio azul e para além dele. Adri foi daquelas amigas que a gente, nos impasses do cotidiano e do trabalho, tem a liberdade de pegar o telefone, enviar uma mensagem e perguntar: o que eu faço agora? Me dá uma ideia?

Nos últimos anos, percebemos que sua saúde estava se fragilizando. A saída para o pós-doutoramento na UNISC, o posterior retorno às atividades e os eventuais comentários – “ando muito cansada...”, “estou com algumas dores no abdômen...”, “preciso ir ao médico...” – indicavam que uma pausa para exames e tratamento de saúde se fazia necessária. Entretanto, tudo foi rápido demais e tempos de despedida e saudades tomaram lugar em nossas vidas. No hospital, durante aqueles dias de lutas (no plural), Adri nos envia um poema de Bráulio Bessa (2018, p. 43-44)<sup>43</sup>:

Toda coragem precisa de um medo para existir.  
Uma estranha dependência complicada de sentir.  
A coragem de levantar vem do medo de cair.  
Use sempre a coragem para se fortalecer.

43 BESSA, Bráulio **Poesia que transforma** [recurso eletrônico]. 1 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

E quando o medo surgir não precisa se esconder.  
Faça que seu próprio medo tenha medo de você.

Saudades que permanecem de uma amiga que teve uma trajetória linda! Saudades que se manifestam em tantas formas de homenagem, em flores que são enviadas, em abraços que trocamos com aqueles que sentem sua ausência. Mas, sua presença, em forma de lembranças, nos enche de esperança de que, um dia, haveremos de nos encontrar!

A vida segue... agora com o verso “use sempre a coragem para se fortalecer”. Em meio ao luto, lutamos para dar sequência aos trabalhos de mestrado e doutorado que estavam em andamento. Desse modo, assumi a orientação de Bianca Ribeiro Pontin, Bruna Fagundes Antunes Alberton, Bruna Branco e Liège Gemelli Kuchenbecker: todas concluíram trabalhos de excelência e me deixaram mais próximas da forma como Adri orientava os trabalhos.

Na porta de entrada da sala 805 da Faculdade de Educação, nós, colegas de sala, colocamos uma homenagem à Adriana Thoma, com o verso “Eu agradeço pela vida e a coragem / Ao universo pela oportunidade...” (Música: Guerreiro da Paz – compositor: Oreste Grokar). Escolhemos esses versos para lembrarmos de sua presença e imprimirmos gratidão em nossas memórias.

Obrigada, Adri, por nos deixar lembranças que nos trazem afeto, coragem e ousadia!

*Lodenir Karnopp*  
Junho de 2022

# **Uma carta para Adriana: linhas de afetos e saudades**

*Márcia Lise Lunardi-Lazzarin*

Por que escrever uma carta? Como pensá-la? Embora uma carta tenha seus mistérios, encantos e exigências, escreve-se, sobretudo, para alguém distante. Mas como pensar a distância de alguém tão presente como você minha amiga Adri. Portanto, como pensar essa distância, senão como uma impossibilidade, mais ou menos provisória, quanto ao tempo e espaço?

Nessa impossibilidade de dar conta desse tempo e espaço em que compartilhamos muitas experiências e afetos, vou lembrar meus arquivos e memórias, escolhendo coisas para te contar nessa pequena carta. Tomo esse compartilhar de experiências não como um fato ou uma realidade, pois esta é impossível de ser objetivada, muito difícil de ser identificada ou definida, gosto pensar com Larrosa (esse autor que muito nos inspira e está

muito presente nas nossas andanças teóricas) de que a experiência é algo que nos acontece, “que pertence aos próprios fundamentos da vida, quando a vida treme, ou se quebra ou desfalece; e em que a experiência, que não sabemos o que é, às vezes canta” (LAROSSA, 2016, p. 13<sup>44</sup>). E esse canto atravessa o tempo e o espaço.

E para esses “cantos de experiência” que por ora treme, que vibra, como algo que nos faz pensar, nos faz sofrer ou gozar que gostaria de compartilhar com você Adri. Queria te dizer que desde que foste para esse teu novo Pós-Doc (meio sem avisar né? Te confesso que nos pegou de surpresa), muitas coisas andam acontecendo por aqui, acho que algumas tu irias adorar outras nem tanto.

Mas vou começar como uma coisa que tu adoras e que ocupou grande parte dos teus dias por aqui, portanto da tua vida: o teu entusiasmo com a nossa área de trabalho, a educação de surdos e seus tentáculos. Impossível não falar nesse momento da nossa luta com a comunidade surda que começou lá nos idos dos anos 90 com o nosso ingresso no Curso de Educação Especial na Universidade Federal de Santa Maria. Inacreditável como que de uma forma tão rápida eu, você, Maurinha, Liliane, Maira e Marlei nos conectamos. Tínhamos algo que nos impulsionava, nos mobiliza enquanto um coletivo que ainda não sabíamos muito bem no que ia dar, mas sabíamos que plantávamos ali, naquele momento, laços muito poderosos de amizade, respeito, afeto e cumplicidade.

Uma cumplicidade que foi nos acolhendo e nos escolhendo a ficarmos juntas, a ponto de darmos continuidade a essa amizade da forma mais linda que pudesse existir, batalhando e travando junto à comunidade surda um lugar melhor para todos estarmos. Nessa aliança e nesse pacto coletivo fomos ocupando espaços importantes nos meios acadêmicos, políticos, sociais em torno

44 LAROSSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

da causa surda. Chegamos a conseguir a vinda do nosso querido e sempre orientador Professor Carlos Skliar ao PPGEDU/UFRGS. Nesse momento, Adri, lembro que você e Maurinha foram as primeiras a chegar no PPGEDU, pois haviam sido selecionadas para o Curso de Mestrado sob orientação do Professor Hugo Beyer (que diga-se de passagem, deve tê-lo encontrado por aí). Lembro que ainda muito alinhada com ideia de pensar a educação de surdos a partir de uma leitura sócio-histórica, dentro do campo da Educação Especial, começaste junto com Maura e depois comigo e Lili (que entramos no ano seguinte ao Mestrado sob orientação da Professora Cleonice) a provocar alguns ruídos, numa tentativa de dizer outras coisas sobre a educação de surdos para além de uma lógica da deficiência, da reabilitação, da correção (pautas muito caras para o campo da Educação Especial). Não esquecemos que saímos formadas por esse Curso, mas lá já provocamos esses ruídos, éramos inquietas, intensas para não dizer insaciáveis.

Enquanto componho esses “cantos experiências” me recordo das inúmeras vezes que você bravamente se interpôs na defesa da garantia dos direitos das pessoas surdas e com deficiência, desde a sua produção intelectual como pesquisadora da área, mas também, como uma militante/ativista. Não bastava ser tradutora-interprete de Libras, pesquisar sobre as questões das pessoas surdas no contexto escolar, lutar pelo movimento da oficialização e regulamentação da Libras, orientar inúmeros trabalhos (de colegas surdos e ouvintes) que tivessem como tema as questões da surdez. Era preciso ir além, mostrar o quanto nossa relação com a escola, com as práticas escolares, com as políticas inclusivas, não mudaria o cenário educacional muito perverso e excludente se não olhássemos para o outro de forma mais afetuosa, mais sensível, abertas ao diálogo e a negociação. Eis aí duas palavras que combinam com você Adri: sensibilidade e capacidade de diálogo.

Essas qualidades só engratecem a saudade que temos de você, lembra que te falei que algumas coisas estavam bem difíceis e ruins por aqui? Talvez seja justamente essa incapacidade de olharmos o mundo de forma mais sensível e dispostos ao diálogo que vem deixando nossos dias mais tristes e sombrios. Sabe que dias depois que você viajou tivemos a eleição do novo presidente aqui do Brasil. Lembra aquela eleição que você foi votar no primeiro turno com o livro do Michel Foucault em punho? Pois é, infelizmente o candidato mais despreparado do mundo foi eleito e os estragos dessa decisão, ainda que democrática, estão sendo imensas para todas as áreas, imagina para a educação, em especial para educação inclusiva e até mesmo para a educação de surdos. Essa última aparentemente parecia ter algum privilégio frente a esse (des)governo, como estamos chamando, já que há um grupo bem expressivo de pessoas surdas atuando nas pastas ministeriais.

No entanto, como tu mesma já sinalizavas nos teus escritos junto aos teus grupos de pesquisa (GIPES e SINAIS) e na parceria com Michel Foucault (se não me equivoco deste até esse nome para o teu gato), filósofo que aprendemos a gostar e que nos foi apresentado pelo nosso professor e amigo Alfredo, que “as práticas de governo se utilizam de estratégias de controle e regulação dos sujeitos, como forma de governmentação das diferenças, que opera sobre a conduta de todos e de cada um de nós”. (THOMA e KRAEMER<sup>45</sup>, 2017). Essa escrita tua e da Graciele no livro *A Educação de Pessoas com Deficiência no Brasil*, faz muito sentido para entendermos o quanto somos sujeitos vulneráveis a essas práticas. Mas quero te dizer que continuamos lutando por tempos melhores, ainda que fazendo parte desse jogo.

Novamente reitero a falta que fazes quando essas pautas eclodem nas nossas reuniões do GIPES ou até mesmo nos nossos encontros virtuais. Sim, não sei como se procedeu por aí,

45 THOMA, Adriana S. KRAEMER, Graciele M. A educação de pessoas com deficiência no Brasil: políticas e práticas de governmentação. Curitiba, Appris, 2017

mas aqui a pandemia do Covid-19 nos obrigou a mudar nossas formas de interação, de convívio e até mesmo de manifestação de afetos: não podíamos nos encontrar, nos abraçar, tomar aqueles cafezinhos na sala 805 (detalhe, essa sala agora tem um nome, sabe qual? Adriana Thoma) ou uma cervejinha no Bar do Beto ou algum outro lugarzinho da Cidade Baixa.

Continuamos com muitos cuidados, mas aos poucos estamos retornando para nossas atividades de forma presencial, até porque a custa de muita briga e convencimento, a vacina chegou aqui. Estamos tentando organizar um encontro do GIPES, pós-pandemia. Lodi e Mada (não sei se quando tu estavas aqui já eram elas as líderes do grupo) não medem esforços para manter nosso grupo articulado e se ocupando de problematizar o campo da educação de surdos. Queria te contar que quando foste embora, a Lodi assumiu os trabalhos de orientação de algumas das tuas orientandas, particularmente as surdas. Fui banca da Bruna (lembra né?) que já no momento da qualificação do mestrado tinha imprimido muito do teu jeito ao trabalho, pode ficar feliz, pois ela concluiu de forma muito linda. Também, tivemos um momento maravilhoso em 2019 durante a ANPEd Nacional, em Niterói/RJ, no GT de Educação Especial. Acredita que fizemos uma baita de uma homenagem para você? Estávamos eu, Mada, Maura, Alfredo e tanto outros colegas da área.

Nessa ocasião falamos do quanto esta seria uma oportunidade para homenagear uma das pessoas mais bonitas, vibrantes e otimista que tivemos o prazer de conhecer e de compartilhar projetos e afetos, momentos de debates e proposições sobre as políticas educacionais, sobretudo na formação de professores, na educação bilíngue para surdos, nas práticas de inclusão educacional na educação básica e superior.

Que nessa parceria marcada por esses “cantos experiências” trilhamos um caminho para pensar a dimensão do ato formativo no campo da educação especial e da educação de surdos, como um ato inaugural que modifica aquele que é envolvido na formação. Sem data para começar, nos formamos permanentemente na vida e atualizamos incansavelmente nossas lutas. É isso que nutre nossas lembranças e nossa luta: a tua presença intensa, otimista e vibrante a esse coletivo que construímos e alimentamos desde 1990.

Bom, querida, vou encerrar essa carta por aqui, com a intenção de que estejas bem e te dizer que embora eu saiba que não voltarás de uma forma física para esse nosso mundinho, estás sempre presente nas nossas mais belas lembranças. Obrigada por tudo e por tanto. Ah!! Se não for abusar gostaria de te pedir um favor: manda um beijo para a Clarice, ela também resolveu ir fazer um Pós-Doc aí pelos teus lados. Aproveitem para “foucaultiar” juntas.

Beijos grandes com saudades,  
*Marcinha*  
Santa Maria, junho/2022



# **Sorriso, incentivo e acolhida:** sobre a amizade que nos T(h)oma

*Luciane Bresciani Lopes*

Era para ser sobre a amizade, mas o que nos T(h)oma é maior  
Era para ser sobre saudade, mas o que nos T(h)oma é maior  
Era para ser homenagem, mas o que nos T(h)oma é maior  
Sempre maior, pois o que nos T(h)oma é gigante

Era para ser um texto  
Escrito por três  
Que nasceria de um olhar  
Uma conversa  
Em uma sala  
Mas ela partiu

Partiu em viagem  
Partiu sem avisar  
Partiu corações  
E, quando partiu  
Se fez semente  
O texto se multiplicou

Virou livro  
De muitos textos  
De muitas palavras  
Que nos T(h)oma  
Por inteiro  
Por completo

Era para ser posfácio, mas o que nos T(h)oma é maior  
Era para ser costura, mas o que nos T(h)oma é maior  
Era para ser tanta coisa, mas o que nos T(h)oma é maior  
Sempre maior, pois o que nos T(h)oma sempre será gigante

# **Autores e Autoras**

## **Ana Luiza Caldas**

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas, RS - UFPEL. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul Atualmente é professora da UFRGS. Graduação em Pedagogia com habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA.  
*E-mail: anacrespa2012@gmail.com*

## **Betina Hillesheim**

Colega a quem Adriana confiou as disciplinas e orientandos/as do Ppge-du/UNISC. Testemunha do afeto genuíno que transbordava de Adriana. Alguém que se sentia feliz em ser considerada amiga.  
*E-mail: betinahillesheim@gmail.com*

## **Bianca Ribeiro Pontin**

Bolsista do curso de Letras/Libras (2009-2012), orientanda de especialização e mestrado (2012 - 2014) e metade de doutorado (2016-2018). Amiga de

conversas problematizadoras, materialização de aulas/oficinais/cursos, acontecimentos, comes, bebes e risadas. Com ela aprendi a não desistir de (re)escrever só mais um pouquinho.

*E-mail: biancapontin@gmail.com*

### **Bruna Fagundes Antunes Alberton**

Aluna surda da professora orientadora Adriana, em 2013. Essa pessoa me motivou a escrever textos mais complexos, entrelaçando assuntos que envolviam educação e afetos, diretamente relacionados com a minha essência. Foi ela que segurou minha mão em momentos de dúvidas: foi ela que olhou minhas sinalizações; foi ela que se encantou com minhas risadas e os meus sucessos.

*E-mail: brunafantunes@gmail.com*

### **Camila Guedes Guerra**

Aluna das disciplinas de mestrado (2008) e doutorado (2017) da Adriana na FACED. Foi banca da minha defesa de mestrado e qualificação do doutorado. Aprendi muito com ela por causa dos estudos e depois nos tornamos colegas na área de Libras e a educação especial. Aluna, amiga e colega, eternamente grata.

*E-mail: milagguerra@gmail.com*

### **Carlos Skliar**

Pesquisador visitante CNPq 1995-1997 e professor adjunto na FACED no período 1998-2004, orientador da Adri no seu mestrado e doutorado, cumplice do NUPPES/UFRGS para toda a vida.

*E-mail: skliar@flacso.org.ar*

### **Carolina Hessel Silveira**

Amiga antes de ser aluna em várias disciplinas do PPGEduc-UFRGS. Fomos colegas na Área de Libras na Faced. Vários encontros em festas acadêmicas, aniversários e eventos acadêmicos. Usava sempre os sinais acadêmicos: “provocação”, “reflexão”, “importante”.

*E-mail: cahessil12@gmail.com*

### **Cláudia Tapia Sikilero**

Orientanda de mestrado (2014 - 2016) por um feliz designo. Adriana me ensinou, entre tantas outras coisas, sobre a importância de enriquecer cada conceito, escrita ou pensamento na partilha/encontro com o(s) outro(s).

*E-mail: clausikilero@gmail.com*

### **Cláudio José de Oliveira**

Colega na UNISC. Parceiro em muitas caronas entre Porto Alegre-Santa Cruz do Sul-Porto Alegre. Adriana foi/é uma catalisadora na formação de pesquisadoras e pesquisadores, com o seu sorriso, alegrias e a generosidade na vida acadêmica.

*E-mail: coliveir@unisc.br*

### **Cláudio Mourão**

Poeta/Artista e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, linha de Estudos Culturais em Educação; Graduado em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2010); e em Educação Física, pelo Centro Universitário Metodista IPA (2007).

*E-mail: claudiomourao@gmail.com*

### **Daninoal**

A professora Geringonça, da criação e da poesia, como a Adriana dizia com sorriso largo no rosto. Aquela que fazia aulas sobre temas sensíveis a convite da Professora Pesquisadora Adriana Thoma, incansável na discussão da Ética na Pesquisa com pessoas com deficiência.

*E-mail: daninoal@gmail.com*

### **Emiliana Faria Rosa**

Professora, escritora e poeta. Surda. Graduada em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Estácio de Sá (2005). Especialista em Educação Inclusiva pela Universidade Cândido Mendes (2006). Mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2009). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2013). Pós-doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (2018). Professora de Libras da Faced/UFRGS.

*E-mail: emilianarosa@gmail.com*

### **Graciele Marjana Kraemer**

Graci, orientanda de mestrado (2009-2011) e de doutorado (2013-2017) no PPGEDU da UFRGS. Aluna, amiga e parceira de trabalhos intensos na educação de surdos e na análise da política de inclusão escolar de nosso país. Com a Adri foram intensas e importantes as trocas, as aprendizagens e as motivações para seguir na pesquisa e nos estudos acerca da educação das pessoas com deficiência em nosso país.

*E-mail: graciele.kraemer@gmail.com*

### **Ingrid Ertel Stürmer Ingrassia:**

Admiradora (desde 2000 e para sempre), aluna no curso Letras Libras UFSC - Polo UFRGS (2008-2012), aluna PEC (2012), orientanda no mestrado (2012-2014), integrante do grupo de pesquisa SINAIS (2012-2016), mais que uma aluna e orientanda (2012 - 2019).

*E-mail: ingridsturmer@gmail.com*

### **Juliana de Oliveira Pokorski**

Ju, Juzinha, ou dona de diversas formas carinhosas de ser chamada pela Adri. Nunca tive a sorte de ser aluna ou bolsista da Adri durante minha graduação, embora ela tenha estado presente em todos momentos importantes da minha vida acadêmica, desde a graduação em pedagogia (2010), especialização em estudos culturais em educação (2011), mestrado (2012-2014), até parte do doutorado (finalizado em 2020), colega de grupo de pesquisa e admiradora. Com a Adri aprendi que posso ser muito mais do que eu imaginava poder e que a vida acadêmica só faz sentido se envolve de afetos.

*E-mail: juliana.pokorski@gmail.com*

### **Larisa da Veiga Vieira Bandeira**

Lari, aluna do primeiro dia da Adri na FACED em 2008, bolsista de iniciação científica BIC/PIBIC (2008-2010), orientanda de doutorado (2015-2018), amiga e parceira de folias pedagógicas, de festas e de horas não tão felizes. Com ela aprendi, entre tantas coisas sobre a educação, o Lattes e a VIDA, a escrever, a encerrar e encaminhar artigos às 23 horas e 59 minutos.

*E-mail: lvbandeira@gmail.com*

### **Liège Gemelli Kuchenbecker**

Aluna do curso Memórias e Narrativas na Educação de Surdos que ocorreu no primeiro ano da Adriana na FACED, em 2008, orientanda de

Mestrado (2009-2011), orientanda de doutorado (2016-2018), sempre a tive como minha conselheira e amiga. Com ela aprendi que para pesquisar é preciso ter foco e muito estudo.

*E-mail: liegekk@gmail.com*

### **Liliane Ferrari Giordani**

Lili, amiga-irmã da Adri. Dos pátios da Universidade Federal de Santa Maria (1989), da vinda para Porto Alegre (1994), das nossas invenções pela FACED e pela vida. Dos filhos que nasceram no mesmo ano ou no mesmo dia, dos colos partilhados e dos longos abraços. Com ela aprendi o significado da amizade. Com ela aprendi a ser grande na academia e que o amor é atemporal e transcendental.

*E-mail: lilianegiordani@gmail.com*

### **Lodenir Becker Karnopp**

Lodi, amiga desde os tempos de FENEIS e NUPPES, colega no Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS. Colega e amiga de vida e de trabalho, em que rigor, afeto, diversão e amizade nos fortaleceram em atividades compartilhadas. Com Adri aprendi a usar a coragem para me fortalecer!

*E-mail: lodenir.karnopp@ufrgs.br*

### **Luciana Gruppelli Loponte**

Foi professora na UNISC junto com a Adriana. Colegas na UFRGS, como estudantes de doutorado e depois como professora. Amiga e parceira de muitos projetos, dividiu casa mais de uma vez, viu a gestação dos filhos, e vibrou com suas conquistas. Professora de arte, aprendeu o que sabe sobre Educação de Surdos com ela.

*E-mail: luciana.art@gmail.com*

### **Luciane Bresciani Lopes**

Admiradora apaixonada desde a primeira vez que nossos caminhos se encontraram em um Encontro de Escolas de Surdos (2010). Orientanda de mestrado (2015 – 2017), colega da UFRGS (de várias formas em diferentes períodos). Uma mulher de sorte por conviver, aprender e levar um pouco da Adri comigo, para sempre.

*E-mail: lbresciani@gmail.com*

### **Luciano Bedin da Costa**

Parceiro de Adriana na UFRGS em projetos de pesquisa na educação de surdos, terno e eterno aprendiz dela. Com ela aprendi a olhar com afincio e humildade para o trabalho.

*E-mail: bedin.costa@gmail.com*

### **Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado**

A Lu. Professora na Universidade Federal do Espírito Santo, terrinhas capixabas em que Adri era apaixonada. Sempre fui sua fã e desde então nunca mais nos desgradamos. Com ela aprendi milhões de coisas e principalmente sobre signos. Ela, como uma aquariana raiz, era muito à frente do seu tempo! E eu, uma escorpiana., para ela, apesar de eu nunca achar isso, as escorpionas eram muito sedutoras e como uma boa escorpiana que sou, a atraí para a tão, tão distante terrinha capixaba e por muitas vezes. Te mete.

*E-mail: lumatosvieiramachado@gmail.com*

### **Madalena Klein (Mada)**

Amiga da Adri pelos corredores e salas da FACED nos tempos de mestrado e doutorado em Educação e também pelas estradas e becos da vida. Muitas horas compartilhadas de estudos, escritas, militância. Mas, sobretudo, muitos momentos de largas conversas, abraços, risos de encher coração.

*E-mail: kleinmada@hotmail.com*

### **Márcia Lise Lunardi-Lazzarin**

Amiga, parceira, colega e companheira de vida acadêmica e afetiva da Adri, iniciada nos auge dos anos 90 na Universidade Federal de Santa Maria. Junto com ela construímos um grupo de fundão de sala com potentes ressonâncias no campo da educação de surdos.

*E-mail: lunazza@gmail.com*

### **Marina Thoma Rockembach**

Primogenita de Adriana da Silva Thoma. Em tudo que sou, ela está.

*E-mail: marinathomar@gmail.com*



### **Maura Corcini Lopes**

Amiga (desde 1990), irmã de coração e comadre. Colega de Graduação e de Especialização em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria, bem como de Mestrado e de Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Criamos, sonhamos, estudamos, moramos juntas e rimos de nós mesmas. Escrevemos sobre a invenção da surdez e o ethos surdo.

*E-mail: maura@unisinis.br*

### **Paula Xavier Scremin**

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre e especialista em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul, licenciada em Pedagogia, pela Universidade Franciscana, e em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria.

*E-mail: paulaxaviers@hotmail.com*

### **Solange Rocha**

Historiadora e professora do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Nosso encontro de natureza acadêmica promoveu reflexões teóricas, existenciais e algumas pizzas. Adriana pessoa doce, firme, atuante e inesquecível.

*E-mail: solangerocha3@gmail.com*

Os versos de Ryane Leão, do livro *Tudo nela brilha e queima* (2017), foram lidos a pedido de Adriana, no dia 15 de novembro de 2018, no quarto em que estava no Hospital Moinhos de Vento.

“Agora vou ter tempo para a poesia”

[www.pimentacultural.com](http://www.pimentacultural.com)

Este é um livro escrito por um coletivo de amizade de professoras e professores, e de orientandas da Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Adriana da Silva Thoma. Os breves textos compõem um mapa afetivo dos lugares, das Instituições de Ensino Superior, de escolas, de lutas, de cursos e projetos compartilhados com ela. Trata-se de um exercício de escrita que busca a intensidade, a força, a amorosidade de Adriana. Que as cartas e escritas reunidas aqui, possam contar aos jovens professores e pesquisadores sobre outros modos possíveis de viver a Universidade, a docência e a produção de saberes, e de compartilhar o desejo e a esperança em um mundo melhor e possível.

 peripécia